

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC – SP

Paulo Henrique Prates

A intuição mística bergsoniana como fundamento da experiência  
religiosa

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

SÃO PAULO  
2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC – SP

Paulo Henrique Prates

A intuição mística bergsoniana como fundamento da experiência religiosa

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Tese Apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião sob a orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

SÃO PAULO  
2019

Paulo Henrique Prates

**A intuição mística bergsoniana como fundamento da experiência religiosa**

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Tese Apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião sob a orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

São Paulo, 10 de Junho 2019

Ficha Catalográfica

A Deus e aos irmãos e irmãs em Cristo.

## AGRADECIMENTOS

“A vida é um caminho de sombras e luzes. O importante é que se saiba vitalizar as sombras e aproveitar a luz” (Henri Bergson).

A vida intelectual é um processo. E chegar ao doutorado foi um caminho muito longo com curvas, desafios, pedras, mas também um trajeto de grandes conquistas, amizades e aprendizado.

Nesta conquista do doutorado preciso de modo simples e ser grato a todos que colaboram comigo de forma direta ou indireta nesta busca da verdade para que assim eu pudesse me tornar uma pessoa melhor e fazer a diferença na nossa sociedade.

Por isso começo meus agradecimentos aos meus pais: João e Silsa pelo dom da minha vida, as minhas queridas irmãs Maria e Sandra pelo incentivo, e por meus sobrinhos: Paulo Henrique, Nayra, e Mikael pela alegria deles na minha vida.

Agradeço a capes e ao programa de CRE da PUC São Paulo.

Como sacerdote, agradeço ao meu bispo diocesano Dom Manoel Parrado Carral por confiar na minha vida intelectual e permitir que eu fizesse tal caminho. Aos meus queridos irmãos no sacerdócio minha gratidão e por toda ajuda espiritual e pastoral durante este tempo de estudo.

Quero fazer memória ao Pe. Jair Coronado que me enviou para o seminário e sempre me incentivou aos estudos. Ao Pe. Olavo meu diretor de estudo que sempre acreditou nos meus estudos e que eu poderia ser muito melhor na vida acadêmica e não se tornar um padre medíocre. Ao Pe. Braga por toda contribuição na amizade, na partilha da vida e na pastoral. E também preciso mencionar com muita gratidão ao Pe. Geraldo pároco da Catedral, onde tive a oportunidade de conviver com ele e ter experimentado a sabedoria e a fé de um homem que somente os nobres podem conquistar no decorrer do tempo.

Pároco Padre Geraldo da catedral de São Miguel Paulista, graças ao seu incentivo no momento em que eu iria desistir do doutorado, o senhor me incentivou e através do projeto que fizeste comigo, hoje realizo meu sonho de realizar o doutorado na ciência da religião.

Eu também quero agradecer ao professor à memória do Prof. Afonso por acolher me no departamento de Ciência da Religião, e aos meus mestres

orientadores neste projeto: ao meu querido professor Doutor Queiroz por me orientar e desenvolver e me acompanhar neste projeto, por sua sabedoria, e principalmente pela sua humildade em ensinar com tanta proeza o que sabe aos seus alunos.

Ao professor Doutor Ênio por sua dedicação e paixão na arte de ensinar me acolhendo nesta etapa final do doutorado, obrigado a cada um dos meus mestres por tudo. Ao professor Franklin Leopoldo e Silva por ser minha referência nos estudos de Bergson no Brasil por ter me orientado no meu mestrado e ter incentivado ao prosseguimento dos estudos.

São muitas pessoas que preciso agradecer, não quero cometer o erro de esquecer, mas caso você não veja o seu nome aqui, saiba que sou grato a cada pessoa que Deus colocou no meu caminho. Eu tenho certeza que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus.

Eu preciso agradecer imensamente aos meus paroquianos da minha Paróquia Santa Rita de Cássia pela compreensão e ausência às vezes da pastoral devido aos estudos.

Aos meus amigos por toda contribuição: André Berlanga, Daniel Conduz, Michel Conduz, Adriano Souza, Pedro Albino, Neivor Schuck e Juliana Pessoa pela orientação e incentivo em um dos momentos cruciais e burocráticos do doutorado, a minha querida Andréia secretaria do departamento, a Congregação Nossa Senhora do Monte Calvário na pessoa da Irma Maria Adir que me ajudou muito financeiramente permitindo eu ser capelão e assim ajudar nos custos deste processo formativo.

Enfim quero agradecer a Santa Rita de Cássia minha padroeira por ser minha protetora diante dos impossíveis e por fim, a Deus Sumo e Eterno sacerdote pelo dom da minha vida e por permitir pela sua graça a realização deste sonho. A todos que buscam a verdade e acreditam na força do bem o meu muito obrigado!

## RESUMO

A pesquisa desenvolvida nesta tese de doutorado procura destacar o papel da intuição na construção de uma experiência religiosa em Bergson. Partimos da hipótese de que intuição pode servir de fundamento para a experiência religiosa. Deste modo, moral e religião cumprem um papel fundamental para podermos organizar e conferir um sentido para nossa existência. Portanto, é a experiência religiosa que pode nos salvar do nada que aparece continuamente em nossa existência. O fim nos impõe uma necessidade de construir um sentido. Assim, a tese procura percorrer com o método intuitivo de Bergson, o caminho da construção deste sentido.

Palavras chave. Intuição, mística, Bergson, Religião, Moral.

## ABSTRACT

The research developed in this doctoral thesis seeks to highlight the role of intuition in the construction of a religious experience in Bergson. We start from the hypothesis that intuition can serve as foundation for religious experience. In this way, morality and religion play a fundamental role in order to organize and give meaning to our existence. So it is the religious experience that can save us from the nothingness that continually appears in our existence. The end imposes on us a need to construct meaning. Thus, the thesis tries to go through the intuitive method of Bergson, the way of building this sense.

Key words. Intuition, Mystic, Bergson, Religion, Moral.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>Capítulo Primeiro: O Pensamento Bergsoniano e seus Desdobramentos filosóficos</b> .....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
1.1. Bergson e os fundamentos filosóficos da nova filosofia da vida no contexto da ciência e da filosofia imperante na sua época.....	15
1.2. A perspectiva filosófica do tempo e a intuição do tempo como duração ...	19
1.3. A intuição como elemento fundamental para uma nova metafísica .....	22
1.4. O novo discurso da ciência metafísica presente na filosofia de Bergson ..	26
1.5. O amor como fundamento de uma religião autêntica e um discurso ético .....	29
<b>Capítulo Segundo: A Filosofia Intuitiva de Bergson</b> .....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
2. A Intuição Bergsoniana e a Existência .....	33
2.1. Religião e Transcendência.....	38
2.2. A Intuição e sua relação com a mística religiosa em Bergson .....	48
<b>Capítulo Terceiro: A Perspectiva Religiosa do Pensamento Bergsoniano</b> ..	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b>	
3. O Discurso Religioso.....	56
3.1. Intuições e sua Presença na Vida Pastoral.....	65
3.2. A Complexidade da Existência e o Sentido da Vida em Bergson .....	72
Conclusão .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
BIBLIOGRAFIA .....	80

## INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida nesta tese de Doutorado parte da possibilidade do entendimento da experiência da intuição mística em Bergson como possibilidade de sentido para a existência humana. O ponto de partida desta hipótese são os fundamentos da filosofia Bergsoniana expostos em três obras fundamentais: 1 – Evolução criadora; 2 – As duas fontes da moral e da religião; 3 – Matéria e memória. Em Evolução criadora, Bergson, explica as bifurcações da existência humana e a constante evolução da criação, ou seja, a evolução nunca é moral é sempre biológica. Na segunda obra em destaque chamada: As duas fontes da moral e da religião, Bergson define as fontes da experiência moral e explica a diferença entre religião estática e religião dinâmica. E no livro, Matéria e memória, Bergson expõe a interação entre matéria e memória, isto significa que somos compostos de matéria física e de lembranças, rememorações que se constitui em um todo chamado de ser humano.

Segundo o dicionário (ABBAGNANO, 2007), a palavra intuição designa percepção pronta e clara; instinto, conhecimento claro, direto, imediato e espontâneo da verdade, que de certa forma remete os ocultistas a um processo de desenvolvimento no homem, permitindo-lhes, entre outros, “ver sem olhos e ouvir sem ouvidos”.

Para Kant há aspectos universais na percepção dos indivíduos, ou seja, a nossa estrutura sensível (os órgãos dos sentidos) e a nossa imaginação são as condições que tornam possível a percepção. Contudo, essas condições são comuns a todos os homens, podendo haver universalidade nas avaliações dos sentidos.

Neste campo, Henry Bergson também contribuiu principalmente no resgate da filosofia como sentido da vida. A intuição é uma das noções fundamentais na filosofia de Bergson, que procura não defini-la dentro de uma categoria estritamente

conceitual. Para tanto, adota o termo “intuição”, por expressar melhor o processo do conhecimento do espírito. Afinal, intuição na perspectiva de Bergson, significa conhecimento imediato.

Em uma de suas obras: *O pensamento e o movente*, Bergson deixa bem claro a dificuldade de usar esta noção de intuição:

Que não nos peçam uma definição simples e geométrica da intuição. Será por demais, fácil mostrar que tomamos a palavra em acepções que não se deduzem matematicamente umas das outras (BERGSON, 2006, p.31).

Nesse sentido, para Henri Bergson, os termos “intuição” e “percepção”, não podem ser definidos por meio de conceitos. Além disso, esta ideia não significa na filosofia de Bergson, o que comumente se entenda pelo senso comum, como se fosse algo mágico, misterioso, uma adivinhação, algo extremamente subjetivo. Pelo contrário, intuição para Bérqson é um momento profundo de reflexão, de ação imediata do ato de conhecer do espírito. É a maneira pela qual através da tensão do espírito, o ser humano tem a possibilidade de conhecimento. Assim, intuição, segundo o filósofo, significa conhecimento imediato, pretensão de compreender o todo.

A explicitação do conhecimento, ou até mesmo a visibilidade do ato de conhecer passa pela a inteligência e a inteligência fragmenta, operacional e, sobretudo, já não integra o discurso do todo, mas sim da parte. Por isso que a linguagem é fundamental no processo de produzir ciência, pois esta está relacionada ao terreno da materialidade. Enquanto, por sua vez, a intuição está ligada ao espírito.

Uma das teses fundamentais do pensamento de Bérqson é que a linguagem da filosofia desfigura o objeto filosófico. E o faz porque traduz o discurso formalizado fluxo da duração. O sentido dessa constatação de caráter crítico é solidário de uma proposta positiva de teoria de conhecimento alicerçada na intuição. Este é, portanto, o motivo originário que orienta a crítica do discurso<sup>1</sup>.

Bergson vai desenvolvendo, aos poucos, o que propriamente ele entende como o conceito intuição. Em sua obra, *Os dados imediatos da consciência* desenvolvem a liberdade do espírito, contudo é justamente na obra *Evolução Criadora* que ele desenvolve a complexidade da intuição como criação.

---

<sup>1</sup> Bergson: *Intuição e Discurso Filosófico*, p. 16

A partir desde itinerário filosófico, em 1932, vem o último livro temático de Bergson que, especificamente trabalha com a ideia de religião como um passo natural na evolução do espírito. Assim, assume certos pressupostos da religião histórica judaico-cristã e o faz de forma espontânea, livre, sem se deixar levar por aspectos dogmáticos. Segundo ele, a religião é uma das potencialidades da criação humana. O elã vital, ou a própria intuição serve como parâmetro para o homem religioso.

O ser humano bergsoniano é um místico em ação, uma vez que segundo sua filosofia, a religião traz uma consciência moral, uma regra normativa de ação. Mas, como a intuição tem a sua paradoxalidade, a religião também possui as suas contradições. Na concepção bergsoniana, nós temos a religião estática, fruto da necessidade do homem em viver em sociedade, com a religião aberta, dinâmica, fruto da intuição e do ser humano que vive a realidade da mística.

Podemos observar a relevância desta pesquisa no âmbito da ciência da religião, que sempre esteve atenta ao universo religioso, simbólico e social na vida moderna. Como observamos na filosofia de Bergson, a religião não é algo a parte da vida social, ela também é um dos aspectos fundamentais do processo de criação humana e, portanto, precisa também ser compreendida e não ignorada.

A introdução geral da obra “*Compendio de Ciência da Religião*” (PASSOS, 2013) já indica as noções e atualidades do pensamento bergsoniano como um objeto atual de pesquisa, na medida em que afirma que

O fato é que o objeto ‘religião’ esteve presente no âmbito do pensamento e das ciências modernas como dado empírico e conceitual, não obstante as restrições que previam seu desaparecimento do seio das culturas modernas ou renegavam sua legitimidade como objeto passível de compreensão científica. A religião permanece seduzindo com seus enigmas aqueles que pretendem compreender o ser humano em suas sendas modernas cada vez mais racionalizadas, participando dos encantos e desencantos que nesse ambiente se fazem presentes nas formas mais místicas ou mais secularizadas (PASSOS, 2013, p. 21).

A partir desta relevância do espírito religioso se fazer presente na modernidade, a presente pesquisa pretende ter como objeto a exposição da intuição como elemento criativo e ordenador do discurso religioso, ou seja, a paradoxalidade da intuição, da ciência se encontra também no discurso religioso, por isso, que

segundo Bergson, a religiosidade dinâmica e aberta só é possível no discurso místico que é o discurso puramente intuitivo.

A seguinte pesquisa tem como pretensão estudar a intuição a partir dos pressupostos filosóficos da filosofia bergsoniana. Este filósofo desenvolveu como última obra filosófica: “As duas fontes da moral e religião “. Esta obra nos servirá como referência e parâmetros para nos auxiliar nas respostas e inferências das seguintes questões:

- A intuição no discurso religioso ela é uma faculdade necessária?
- No caso do discurso religioso cristão, qual será o papel fundamental da experiência religiosa e mística da fé cristã?

O conjunto dos elementos que abarcam estas inquirições é que motiva-nos a adentrar à essa pesquisa, pressupondo que a filosofia de Bergson e a ciência da religião, possa nos dar elementos antropológicos, religiosos e filosóficos para esta investigação.

Afinal observamos ainda que na contemporaneidade a religião ocupa um espaço bastante relevante na vida social. Assim o discurso religioso não foi eliminado como acreditavam os positivistas. Mas esta força presente na religião continua sendo um desafio, aqueles que procuram entender os seus mecanismos e elementos.

Assim, a Ciência da Religião que nos mostra a relevância da religião na contemporaneidade e na história da humanidade. Afinal a aplicabilidade do discurso religioso no cotidiano da vida humana nos justifica tal pesquisa.

Para apresentarmos com cuidado cada capítulo explicaremos o que pretendemos em cada um deles.

O primeiro capítulo discute os fundamentos da filosofia Bergsoniana que se desdobram nos aspectos filosóficos da definição de tempo, distinguido duração do tempo de cronologia do tempo. Isto é, uma coisa é o tempo cronológico medido pelo ser humano e outra é a duração do tempo que significa o quanto dura a experiência da existência do ser humano e dos demais seres. Este capítulo discorrerá também sobre o problema da Intuição como fundamento da filosofia de Bergson com o desdobramento do novo discurso da ciência e sua relação com a metafísica. Após esta fundamentação partiremos para o debate acerca da religião autônoma em Bergson.

Neste sentido, definiremos a relação dos conceitos de tempo e intuição, entendendo seu tempo da duração em relação com a intuição que emerge da realidade. Ao definirmos a relação do tempo com a intuição abriremos a possibilidade da discussão de uma mística religiosa que possibilitará por sua vez a superação dos limites da linguagem meramente racional.

O terceiro capítulo abordará a relação entre o discurso religioso e a vida. Partindo da análise do discurso religioso em direção ao discurso intuitivo que possibilitará a compreensão da experiência religiosa, considerando os aspectos da vivência pastoral e da experiência espiritual do sujeito. Por fim, indicaremos uma reflexão acerca da complexidade da existência humana suas bifurcações e a importância da experiência da religiosa como construtora de sentido de sentido no mundo contemporâneo.

Assim, a hipótese desta tese será averiguada e demonstraremos a possibilidade da constituição de um discurso religioso a partir da experiência da intuição mística em Bergson.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### O Pensamento Bergsoniano e seus desdobramentos filosóficos

#### 1.1. Bergson e os fundamentos filosóficos da nova filosofia da vida no contexto da ciência e da filosofia imperante na sua época.

Henri Bergson nasceu em Paris no dia 18 de outubro de 1859. Sua trajetória acadêmica iniciou-se no liceu *Condorcet*. Ele foi desde pequeno apaixonado pela filosofia e no ano de 1888 concluiu suas duas teses filosóficas. A primeira tese era denominada “*Quid Aristóteles de Loco Senserit*” (A noção de lugar em Aristóteles) e a outra foi a que deu grande impulso a sua trajetória filosófica na filosofia moderna: “*Essai sur Le Donnes Immédiates de la Conscience*” (Ensaio sobre dados imediatos da Consciência).

Ele foi um professor brilhante e a partir desta trajetória intelectual começa a desenvolver uma nova perspectiva no campo filosófico. Podemos observar abaixo uma cronologia do desenvolvimento intelectual de Bergson.

Cronologia:

1859- Bergson nasce em Paris;

1878 Ingressa na Escola Normal Superior;

1883 Vai lecionar filosofia no Liceu de *Clermont-Ferrand*;

1889 Defende a tese latina, sobre Aristóteles, e a francesa, “*Easisurles Donnés Immédiates de la Conscience*”;

1897 Publica *Matière et Mémoire*;  
1898 Torna-se mestre de conferencias na Escola Normal Superior (Paris);  
1900 Ocupa uma cátedra de filosofia no Colégio de França. Publica *Le Rire*;  
1901 Passa a pertencer à Academia das Ciências Morais e Políticas da França;  
1907 Publica *L'Évolution Créatrice*;  
1910 Morre William James;  
1912 Viaja aos Estados Unidos para proferir curso na universidade de Colômbia (Nova York);  
1914 Começa a Primeira Guerra Mundial, Bergson entra para a Academia Francesa;  
1918 Termina a Primeira Guerra Mundial;  
1919 Bergson publica *L'Énergie Spirituelle*;  
1922 Publica *Durée et Simultanéité*;  
1928 Recebe o Premio Nobel de Literatura;  
1932 Publica *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*;  
1934 Publica *la Pensée et le Mouvant*; 1939  
Começa a Segunda Guerra Mundial; 1941  
Bergson Morre.

A filosofia bergsoniana pode ser compreendida como uma filosofia da vida. Aliás, esta é a marca do seu pensamento. Todo seu sistema epistemológico de filosofar teve sempre como inspiração a vida. Nós também podemos chamar sua filosofia de evolucionismo espiritualista, pois dentro do seu processo de filosofar vamos encontrar o pensamento agostiniano e a tradição filosófica francesa com Descartes e Pascal. Contudo o pensamento bergsoniano é totalmente inovador na filosofia moderna, porque ele rompe com a tradição filosófica de compreender conceitos clássicos como por exemplo o tempo, a intuição e a própria maneira da filosofia compreender a vida e a ciência da época.<sup>2</sup>

Quando estudamos o pensamento bergsoniano corremos o risco de fazer uma leitura equivocada do seu pensamento. Esta leitura pode ocorrer devido ao conjunto de suas obras que não são tão extensas assim. Porém o seu pensamento é

---

<sup>2</sup> Nos referimos ao período de Bergson (1859-1951) devido a intensa perspectiva positivista. Visto que Bergson criticou as escolas positivistas e racionalistas por seus modelos parciais de pensarem o homem (Grifo Nosso).

inovador, complexo, atual e com uma peculiaridade própria contribui de modo efetivo com uma nova maneira de compreendermos a vida e o seu sistema filosófico.

Ao elaborar o seu pensamento, traz para o campo filosófico elementos novos para compreendermos a realidade que até então eram preservados na sua época. Ele rejeita o modo clássico de filosofar e questiona o modelo científico da época como, por exemplo, o modelo de Spencer, as ideias kantianas e o positivismo, pois todos estes processos de pensar não conseguiram perceber uma realidade metafísica presente no processo de conhecimento a que ele deu o nome de duração.

No século XIX, predomina na ciência da época o positivismo, a ideia de que a razão é capaz de abarcar toda realidade do ser humano. Em outras palavras, todo conhecimento só é possível graças à capacidade que o ser humano tem de pensar e captar toda e qualquer realidade pelo dado da razão.

Neste período também temos a influência da filosofia kantiana que anuncia o fim da metafísica, realçando assim a crença de que a razão humana é a única fonte de conhecimento para produzir ciência. E assim, todos estes processos gnosiológicos propostos pelos pensadores da época, fizeram com que eles não conseguissem captar um elemento fundamental para a compreensão da realidade.

Este processo pedagógico idolatrando a razão como única fonte de compreender o real, fez com que a filosofia ignorasse um elemento fundamental, a intuição. Este elemento foi abandonado pelo rigor científico e pela crença de que toda realidade só pode realmente ser compreendida por um dado racional.

Bergson nos aponta este elemento intuitivo para que possamos de fato compreender a vida, a existência humana, enfim a capacidade criativa presente no espírito humano. Nós precisamos ir para além do conceito e nosso modo de elaborar processos científicos de elaboração de saber. Segundo Bergson para que possamos falar de conhecimento, criação, sentido, existência é necessário levarmos em consideração uma realidade do tempo ignorada pela ciência positivas que é o tempo psicológico presente no espírito humano que tem ânsia da busca da verdade para compreender o real. A este elemento fundamental para entendemos o processo de conhecer ele deu o nome de duração.

Estas questões filosóficas ignoradas provocaram em Bergson um desejo de resgatar um novo sistema filosófico. Uma filosofia não antirracional, mas uma

autêntica filosofia que não perdesse de vista o verdadeiro elemento da vida e o aspecto fundamental que sustentasse toda a base do sistema de filosofar.

Por isso Bergson propõe no seu sistema filosófico pedagogicamente um novo método de conhecimento para que possamos compreender de fato a vida, a filosofia e os seus desdobramentos. Desdobramentos estes que trarão consigo elementos tão fortes arraigados na existência humana como a intuição e o tempo e que muitas vezes foram sufocados por uma hermenêutica mal compreendida da história da filosofia.

O resgate destes conceitos é fundamental para que possamos compreender a essência do pensamento bergsoniano e o que realmente vem a ser o que é a duração, a intuição, o “elã vital”, e finalmente sua metafísica proposta no conjunto de suas obras. A leitura e o aprofundamento destes elementos são fundamentais para a leitura do seu sistema epistemológico.

Estes elementos são importantes na filosofia de Bergson porque o mesmo não quer perder de vista, segundo ele, o que faz a filosofia ser filosofia, o que faz a vida ser vida, e se quisermos afirmar o que faz a religião ser religião, ou seja, o que realmente dá sentido e o que possibilita a capacidade que o ser humano tem de pensar, criar, inovar, enfim o espírito pensante presente na existência humana.

Portanto:

O objetivo de fundo da filosofia de Bergson é a defesa da criatividade e da irreducibilidade da consciência ou espírito contra toda tentativa reducionista de matriz positivista. Mas a defesa do espírito elaborada por Bergson adquire uma peculiaridade precisamente, porque ele, afim de entender plenamente a vida concreta da consciência, faz seus os resultados da ciência e não minimiza em absoluto a presença do corpo e a existência do universo material (REALE/ANTISERI 2003, p.710).

Por isso, não podemos afirmar que ele ignora a razão no seu processo de filosofar. Porém somente o discurso racional científico, apresentado pelo paradigma da ciência positiva é incapaz de fazer com que compreendamos toda realidade do existir. Pois este modelo de ciência não percebe o movimento da vida, e nem a intuição presente no processo de conhecer.

Para que, de fato o conhecimento não fique submisso a uma realidade material apenas, ou como ele mesmo dizia que:

...que a complicação da letra não faça perder de vista a simplicidade do espírito. Ao ater-nos às doutrinas uma vez formuladas, a síntese em que parecem abarcar as conclusões das filosofias anteriores ao conjunto dos conhecimentos adquiridos, arriscamo-nos a não perceber o que há de essencialmente espontâneo no pensamento filosófico (REALE/ANTISERI, 2003, p.710).

Segundo Bergson, nós podemos compreender o real, a vida o seu verdadeiro movimento, para esta compreensão é de suma importância considerar os elementos metafísicos presentes no conhecimento e na realidade do tempo. Realidade está muitas vezes ignorada ao longo da história da filosofia e da ciência moderna (BERGSON, 2006, p.195).

Estes conceitos são importantíssimos para buscarmos o sentido da vida e do existir humano. Infelizmente, até hoje, por uma parte da humanidade continuam sendo ignorados. Este tipo de comportamento faz com que a vida humana fique tão banalizada e sem sentido. Portanto, segundo ele, se realmente queremos uma filosofia autêntica e que dê sentido ao ser humano precisamos compreender a efetividade do tempo, a ilusão da realidade do temporal apresentada à consciência e que o ser humano seja capaz de resgatar em si a intuição como elemento norteador de sentido da vida.

## **1.2. A Perspectiva Filosófica do Tempo e a Intuição do Tempo como Duração.**

No século XIX, a noção sobre a realidade do tempo ainda tinha como grande influência a ciência positiva que tem como paradigma no processo de compreensão do tempo, o modelo mecânico do tempo do relógio. Ou seja, o modelo de compreensão sobre a realidade do tempo estava pautado sobre a mecânica. No início de seus estudos, Bergson foi um admirador de Spencer. Esta aproximação dos estudos se deu justamente porque ele acreditava que a biologia era muito mais próxima da vida e da filosofia e que, portanto, poderia ser muito mais referência para a perspectiva filosófica (BERGSON, 2005, p.14).

Contudo, com o aprofundamento da noção sobre o tempo, Bergson irá se afastar tanto de Spencer como de Kant, pois ambos não compreenderam o verdadeiro movimento da vida, e nem perceberam a intuição do tempo como

duração. Esta má compreensão do tempo faz com que ele se afaste destes dois pensadores.

Precisamente por ser fiel à realidade, Bergson se entusiasmou pela filosofia evolucionista de Spencer em sua juventude. E, como confessaria mais tarde, então ele não queria mais nada senão aperfeiçoar e consolidar os *Primeiros Princípios* de Spencer, sobretudo no que se refere à mecânica. Mas foi exatamente através deste trabalho que Bergson deu conta de que o positivismo não manteve em absoluto a sua promessa de fidelidade aos fatos, como se observa, por exemplo, no tratamento do problema do tempo (REALE/ANTISERI, 2003, p.711).

A nossa consciência, constata Bergson, não segue o padrão do tempo do relógio. Como um antes ou um depois. Pelo contrário, nossa consciência tem um fluxo contínuo ininterrupto dos fatos e das coisas. Portanto, está jamais pode ser mensurada, fragmentada. A ciência possui uma tendência de fragmentar mensurar a realidade das coisas, dos objetos, enfim, da vida.

E esta tendência da positividade do espírito<sup>3</sup> foi imposta sobre a realidade da consciência fazendo com que a mesma não seja compreendida. Por isso, segundo ele, se de fato queremos compreender a consciência, ou a verdadeira realidade do tempo e do espírito humano, é necessário mudar nosso paradigma científico positivista de compreensão do tempo.

Os nossos estados de consciência<sup>4</sup> não são delimitados. A nossa maneira de sentir é contínuo, e a maior prova disso são nossas emoções; não tem como fragmentá-las. Quando somos movidos pelos sentimentos de alegria, raiva, amor, não podemos dizer que estamos meio alegres e tristes, meio amorosos. Na verdade, somos um todo.

E este todo consiste na intuição da duração, segundo Bergson. Pois a perspectiva positivista da ciência baseada no tempo da mecânica tem sempre como método a fragmentação desta realidade da consciência sobre o tempo. E assim, portanto, esta não abarca a verdadeira realidade do tempo em si.

Na sua obra: *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, ele questionará justamente esta posição do positivismo que sempre quer fragmentar a

---

<sup>3</sup> Podemos dar às coisas o nome que quisermos, (...) em que o conhecimento do espírito pelo espírito seja ainda chamado de inteligência, caso se faça questão. (...); dizemos que se trata de intuição (BERGSON, 2006a, p.88).

<sup>4</sup> O termo consciência tem pelo menos dois sentidos: 1) consideração ou reconhecimento de algo, exterior ou interior; (...) O sentido 2) é expresso mais precisamente por meio da expressão “consciência moral” (MORA, 2004, p. 550).

realidade material, esquecendo que o tempo do espírito, a consciência em si, o intuir da duração não pode ser mensurado e fragmentado.

Entretanto, não há estado de alma, por mais simples que seja, que não mude a cada instante, pois não há consciência sem memória, não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos passados. Nisto consiste a duração. A duração interior é a vida continua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós, à medida que envelhecemos. Sem esta sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade (REALE/ ANTISERI, 2003, p.25).

Ao afirmar a noção de duração, a filosofia bergsoniana rompe com esta ideia do tempo fixo e mensurável. Afinal o tempo concreto é o tempo da consciência, que por sua vez traz consigo uma memória, que faz do ser humano um ser vivo totalmente especial diante de outros seres.

A consciência capta imediatamente o tempo como duração: e duração quer dizer que o eu vive o presente com a memória do passado e a antecipação do futuro. Fora da consciência, o passado não é mais e o futuro ainda não é. Passado e futuro só podem viver em uma consciência que os liga ao presente. A duração vivida, portanto, não é o tempo especializado da mecânica (REALE/ ANTISERI, 2003, p.711).

Assim, se de fato o ser humano quer conhecer o real, a dinâmica da vida, é preciso compreender esta dimensão do tempo como duração continua ininterrupta da realidade. Portanto, o tempo é contínuo e assim é nossa consciência. A vida é esta sequência ininterrupta e o método eficaz de perceber esta realidade não pode ser a ciência positiva, pois o discurso da ciência é sempre analítico, mas o único meio efetivo de compreender a duração ocorre apenas através da intuição como fonte segura de compreender a realidade vivida no seu todo.

Quando Bergson propõe esta dinâmica de compreensão do real ele realça mais uma vez o rompimento com o modelo tecnicista da época. O modelo positivista da ciência não consegue compreender, captar o todo, o movimento metafísico, a que ele deu o nome de duração. Para ele, o tempo não é objeto de uma análise simples, conceitual, portanto, o mesmo não pode ficar subordinado a conceitos matematizados como um relógio mecânico.

Logo, o que vem a ser tempo para Bergson? E, afinal, o que é a duração? Na sua obra “Duração e simultaneidade”, ele responde:

...a duração é essencialmente uma continuação do que não é mais no que é. Eis aí o tempo real, ou seja, percebido e vivido. Eis também qualquer tempo concebido, pois não se pode conceber um tempo sem representá-lo percebido e vivido. Duração implica, portanto, consciência; pomos consciência no fundo das coisas pelo próprio fato de lhe atribuirmos um tempo que dura (BERGSON, 2006, p.51).

Deste modo, a duração de algo nos leva diretamente a consciência de algo, por isso, é importante sabermos e conhecermos aquilo que nos propomos a fazer ou refletir. De modo algum podemos transferir a responsabilidade sobre nossas escolhas ou atitudes.<sup>5</sup>

### **1.3. A Intuição como Elemento Fundamental para uma nova Metafísica**

Compreender a ideia, ou a noção da intuição<sup>6</sup> na filosofia bergsoniana é fundamental. Pois, a princípio, ele rejeitou esta noção de intuição no início do seu sistema filosófico. Quando, na sua filosofia, o termo intuição é utilizado, esta presença intuitiva não possui a mesma compreensão que o senso comum tem sobre a intuição.

Para ele, intuição não é algo mágico, supersticioso, ou dom especial que alguém recebe de uma entidade divina. Intuição é algo muito mais complexo, é na verdade um itinerário metodológico de percepção da consciência (duração). Intuição para ele consiste num momento profundo de reflexão, de ação imediata do ato de conhecer do espírito.

Esta compreensão de Bergson em relação a intuição, é o contrário de que pensa o senso comum como algo extraordinário, ou uma atividade racional que o ser humano tem como uma força externa do seu “eu”. Pelo contrário, a intuição para ele é uma realidade que se faz presente no ser pensante e em todo movimento da vida e, graças à intuição, à originalidade deste movimento, o espírito pode conhecer a realidade.

---

<sup>5</sup> Bergson, H., *Durée et Simultanéité: À propos de lathéorie d'Einstein*, Paris, Librairie Félix Alcan, 1926.

<sup>6</sup> Filosofar consiste em se colocar no próprio objeto por um esforço de intuição (BERGSON, 2005, p.207)

A intuição é o modo pelo qual o espírito conhece. Contudo, esta capacidade de conhecer o todo, a realidade, encontra sua dificuldade no momento em que o ser humano utiliza-se da linguagem para explicar as etapas do conhecimento. A explicação metodológica do processo de conhecer se dá pela inteligência.

A inteligência por sua vez, embora seja precisa em seus conceitos, a mesma jamais consegue abarcar a totalidade das coisas. Diferente do conhecimento intuitivo que sempre busca compreender o todo, o processo epistemológico da inteligência para gerar conhecimento sempre se dá em processos, fragmentos, em partes, para conhecer e formar os conceitos.

A inteligência não abarca o todo da realidade como a intuição. A inteligência não fragmentada e operacional, está sempre numa atividade processual epistemológica; e para que a experiência seja comunicável, esta realidade é sempre traduzida em conceito. Ora, o conceito nos remete à experiência do eu vivido, mas nunca o conceito é o eu vivido em si.

Este processo de conhecimento operado pela inteligência é possível graças à linguagem. A linguagem é o modo pelo qual a ciência se torna materializada através dos conceitos e métodos. Enquanto por sua vez, a intuição está ligada ao mais íntimo da consciência, do espírito humano.

Por isso:

Uma das teses fundamentais do pensamento de Bergson é que a linguagem desfigura o objeto filosófico. E o faz porque traduz o discurso formalizado no fluxo de duração. O sentido desta constatação de caráter crítico é solidário de uma proposta positiva de teoria do conhecimento alicerçada na intuição. Este é, portanto, o motivo originário que orienta a crítica do discurso (BERGSON, 1994, p. 16)

Bergson, ao analisar esta posição filosófica, realça mais uma vez seu afastamento da filosofia kantiana e reforça mais uma vez a importância do tempo da duração para realmente perceber o verdadeiro tempo vivido pelo espírito.

Segundo ele, Kant não compreendeu este processo epistemológico da linguagem que o ser humano possui no processo de aprendizagem para conhecer. Para ele, Kant ignorou a potencialidade do espírito intuir as coisas, os objetos, a vida no processo de conhecer e o verdadeiro tempo que a consciência percebe, sente e capta que é a duração.

Na sua obra: *O pensamento e o movente*, ele faz uma observação muito interessante com relação a Kant. Afirmar o que o melhor da filosofia kantiana se encontra na gnosiologia que o filósofo traz na no seu criticismo. Contudo, como todo o processo de conhecer do sujeito transcendental está submetido ao tempo e espaço, por sua vez, a metafísica também deve estar submetida a este conceito para ser ciência de fato. Kant conclui que a intuição é algo impossível e assim enterra e mata a metafísica.<sup>7</sup>

Bergson analisa a filosofia kantiana e percebe mais uma vez que o mesmo não compreendeu o papel da duração e nem o movimento e o esforço que a consciência faz no processo de conhecer. Por isso, ele chega a esta conclusão com relação ao sistema filosófico desenvolvido por Kant. Ele conclui que no cerne da sua filosofia, Kant não percebeu de fato, o que vem a ser intuição:

Uma das teses mais importantes e mais profundas da *Crítica da Razão Pura* é esta: se a metafísica é possível, é por uma visão e não por uma dialética. A dialética conduz-nos a filosofias opostas; demonstra tanto a tese quanto a antítese das antinomias. Apenas uma intuição superior (que Kant chama de intuição intelectual), isto é, uma percepção da realidade metafísica, permitiria a metafísica se constituir... Eis o que Kant trouxe a plena luz; este é meu ver, o maior serviço que ele tenha prestado à filosofia especulativa. Estabeleceu definitivamente que, se a metafísica é possível, só pode ser por um esforço de intuição. Só que tendo provado que apenas a intuição seria capaz de nos dar uma metafísica, acrescentou: essa intuição é impossível (BERGSON, 2006. p 124).

Esta postura da filosofia kantiana faz com que Bergson se afaste da mesma, repense a tradição filosófica e reforce ainda mais a ideia de uma verdadeira metafísica que possa levar em consideração a experiência sentida pelo espírito, pela própria consciência que consegue perceber este movimento intuitivo da duração.

Para Bergson é na verdadeira experiência interior do eu vivido pelo espírito que o conhecimento é possível. Este conhecimento é possível graças à intuição e ao próprio esforço (experiência) que a consciência faz para compreender a realidade. Contudo, o relato da experiência é sempre permeado pela linguagem. A linguagem materializa a experiência vivida e a transforma em conceitos, mas

---

<sup>7</sup> (...) ou a metafísica é apenas um jogo de ideias ou então, se é uma ocupação séria do espírito, é preciso transcender os conceitos para chegar à intuição (BERSON, 2006, p. 195).

somente na realidade mais íntima do espírito que o eu sente o verdadeiro movimento.

A linguagem faz esta transição tensa da realidade material (conceito) e espírito (consciência). Por sua vez, somente a intuição é capaz de transcender estas duas realidades matéria e espírito fazendo com que realmente uma metafísica seja possível, pois esta consegue transitar através destas duas realidades matéria e espírito através da intuição e da experiência do sujeito pensante.

Ao trilhar por este caminho filosófico, Bergson começa a mostrar os pressupostos de sua nova metafísica, opondo-se assim à metafísica tradicional que tinha sempre o ser como referência é o Ser e nunca a Experiência como elemento determinante para conhecer a coisa em si.

Assim compreendendo a metafísica, conferindo a intuição o conhecimento do espírito, nada retiramos à inteligência, pois pretendemos que a metafísica que era obra da inteligência pura eliminava o tempo, e que desde então, ela negava o espírito ou o definia por negações: esse conhecimento inteiramente negativo do espírito, nós o deixaremos de bom grado para a inteligência se a inteligência fizer questão dele; apenas pretendemos que há outro. Em nenhum dos terrenos que ela ocupava até hoje; e ali, onde ela está inteiramente em casa, atribuímos-lhe um poder que a filosofia moderna geralmente lhe contestou. Só que ao lado dela, constatamos a existência de outra faculdade, capaz de uma outra espécie de conhecimento. Temos assim, de um lado, a ciência e a arte mecânica, que são alçadas da inteligência pura; do outro, a metafísica, que recorre à intuição (BERGSON, 2006, p. 89)

Portanto, a intuição compreendida por Bergson consiste no modo pelo qual o ser humano pode sentir, através da consciência, do “eu vivido”, da verdadeira duração da experiência vivenciada pela consciência, permitindo assim, que o mesmo seja capaz de elaborar uma nova metafísica.

Para ele, podemos falar de realidade metafísica graças a esta relação do espírito pensante e a intuição. Pois, como podemos observar a inteligência é fruto do desenvolvimento da vida pela qual a natureza atribuiu ao homem este grau elevado de desenvolvimento.

Já a intuição está relacionada aos instintos e esta capacidade instintiva também se faz presente nos seres humanos e nos animais. Contudo, a inteligência predomina no ser humano, e os instintos, no reino animal, mas ambos possuem esta realidade. Contudo, somente no ser humano a inteligência assume uma efetividade e força, fazendo com que o homem seja capaz de transformar a realidade a sua volta.

Deste modo, em Bergson existe uma articulação entre linguagem, intuição e pensamento metafísico. Como a intuição é o fundamento da possibilidade de conhecimento real ou transcendente, a linguagem deve ser responsável por falar deste mundo de modo a expor a experiência vivencial dos indivíduos e não se ater a meros jogos de linguagem.

#### **1.4. O Novo Discurso da Ciência Metafísica Presente na Filosofia de Bergson**

A nova metafísica surgiu na filosofia de Bergson por causa da noção da intuição da duração. Estas duas noções: intuição e duração são fundamentos de seu discurso metafísico. Ele romperá com o discurso tradicional da metafísica clássica. Esta nova metafísica proposta pela sua filosofia não estará pautada no discurso da transcendência do Ser, e sim no sujeito espiritual, no “eu pensante” que percebe o movimento da vida.

Para ele, a verdadeira metafísica surge com Zenão de Eléia.

A metafísica data do dia em que Zenão de Eleia assinalou contradições inerentes ao movimento e a mudança tal como a inteligência se o representa. Em superar, em contornar por um trabalho intelectual cada vez mais sutil essas dificuldades levantadas pela representação intelectual do movimento e da mudança foi gasta a maior parte da energia dos filósofos antigos e modernos. Foi assim, que a metafísica foi levada procurar a realidade das coisas acima do seu tempo, para além daquilo que se move e que muda, fora, por conseguinte daquilo que nossos sentidos e nossa consciência percebem (BERGSON, 2006. p. 124).

O referencial teórico para ele fundamentar sua metafísica não será o Ser e nem o discurso de transcendência, mas o intuir do tempo vivido pelo espírito que é a duração. Como observamos na reflexão anterior a metafísica tradicional e a ciência positiva não conseguiram compreender a dinâmica da vida do espírito.

Quando ele coloca este paradoxo sugerido por Zenão de Eléia, mostrando a ineficácia da metafísica tradicional que preferiu o imóvel e não o movimento em si. E esta compreensão equivocada do discurso metafísico fez com que durante muito tempo a ciência filosófica confundisse o dinâmico com o estático, o móvel com o imóvel, o movimento com o espaço, a metafísica com a inteligência.

Ao longo da história da filosofia condicionamos nossa inteligência em confundir o movimento com a trajetória percorrida; esquecendo que a verdadeira realidade das coisas é sempre o movimento contínuo, o elã vital da dinâmica da vida que podemos denominar de duração. A duração é o verdadeiro tempo e fonte primordial para elaborar o pensamento metafísico.

Se, de fato, nós queremos compreender o verdadeiro movimento em si não podemos ficar comparando os passos de Aquiles e a tartaruga. Afinal, a tartaruga dá passos de tartaruga e Aquiles passos de Aquiles, e que, portanto, na duração presente em ambos é impossível dividir a duração.

Zenão é o pai da metafísica, pois ela nasceu da recusa em considerar a realidade da duração. Demonstrando a absurdidade daquilo que ele chamava de movimento, ele leva os filósofos e Platão primeiramente a buscar a estes paradoxos porque eles não são capazes de compreender o movimento pois, para isso é preciso a intuição da duração, e a verdadeira metafísica deve ultrapassar a inteligência. Os paradoxos de Zenão tomam o valor de uma demonstração pelo absurdo, como se diz em geometria. A metafísica tradicional preferiu o imóvel, o eterno ao real, isto é, à duração na qual tem lugar todo movimento (VIELLARD, 2007, p. 78).

Nós podemos afirmar que o referencial teórico para elaboração do discurso metafísico na filosofia de Bergson consiste em compreender, de fato, o que é a duração. O intuir da duração é o elemento fundante deste novo discurso metafísico. Para ele, a duração é o elemento epistemológico que permite, realmente, ao ser humano, discorrer, descrever o absoluto. A duração não é um relatar do tempo, e nem um discurso de movimento como um antes e um depois. Ela é muito mais que isso:

Na linguagem comum, a duração é o tempo decorrido entre um início e um fim, por exemplo, a duração de um trajeto. A duração bergsoniana é um dado interior da consciência. É a continuidade temporal que é imediatamente percebida na vida do espírito. Os momentos se interpenetram e se prolongam uns nos outros, sem que possamos distingui-

los. Esta duração é um fator de mudança irreversível e de imprevisível novidade (VIELLARD, 2007, p.107).

Bergson quer resgatar uma filosofia e um discurso que realmente esteja relacionado com a vida. Para ele, a filosofia precisa ser esta verdade gozosa de vida. Que infelizmente está sufocada pelo positivismo da época.

Para que haja um verdadeiro discurso metafísico, uma ciência do espírito é necessária urgentemente para resgatar a noção da intuição e levar em consideração que a intuição da vida é fundamental e que permeia todas as coisas da vida.

Somente a metafísica tem propriedade para discorrer sobre a intuição. Como todas as ciências possuem os seus objetos próprios, como por exemplo, a medicina, no corpo humano, a biologia nos seres vivos, a metafísica na perspectiva dele tem como objeto a intuição. E metafísico tem a intuição como objeto porque somente a metafísica tem propriedade para discorrer sobre o todo da interioridade e da consciência humana.

Há uma realidade, ao menos que todos aprendemos de dentro, por intuição e não por simples análise. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. É o nosso eu que dura. Podemos não simpatizar intelectualmente ou melhor, espiritualmente, com nenhuma outra coisa. Mas simpatizamos, seguramente, conosco mesmos (BERGSON, 2006. p 124).

Ao partir deste pressuposto deste “eu que dura”, Bergson inaugura um novo discurso metafísico propondo, assim, que esta ciência metafísica só será ciência do espírito se por sua vez, esta levar em consideração o sujeito intuitivo.

A proposta do discurso metafísico na filosofia bergsoniana consiste no rompimento com a filosofia clássica em relação ao discurso metafísico sobre a compreensão do movimento do tempo e do Ser. Para ele, o que realmente deve fundamentar ao processo de filosofar, de elaborar ciência do espírito não é o ser, o nada, o vazio, problemas decorrentes da filosofia clássica. Mas todo fundamento filosófico deve passar pelo prisma do intuir da duração.

Para ele, o fundamental é invertermos a lógica do pensamento para que possamos compreender realmente o verdadeiro discurso metafísico. A realidade da vida só poderá ser compreendida quando nós realmente compreendermos esta dinâmica do movimento espiritual. Porque, para ele, vida consiste neste grande fluir sem rupturas e fragmentações. A vida na filosofia bergsoniana é um grande elã sem

as rupturas marcadas pelo tempo da mecânica, como um antes e um depois, ou uma perspectiva psicológica de um passado, presente e futuro.

É verdade que, para isto, é preciso proceder a uma inversão do trabalho habitual da inteligência. Pensar consiste, ordinariamente, em ir dos conceitos às coisas, e não das coisas aos conceitos. Conhecer uma realidade é no sentido usual da palavra 'conhecer', tomar conceitos já fabricados, dosá-los e combiná-los até que obtenhamos um equivalente prático do real. Mas é preciso não esquecer que o trabalho normal da inteligência está longe de ser um trabalho desinteressado (BERGSON, 2006. p 124).

Portanto, para que haja realmente um verdadeiro discurso metafísico é necessário levar em consideração o movimento da vida, a dinâmica do pensamento filosófico que tem como elemento fundamental a própria intuição. E que é a própria intuição que dá credibilidade para a ciência metafísica. Por isso, que negar a intuição é cometer um assassinato do espírito filosófico.

A dinâmica da filosofia sempre ocorreu na busca e no sentido da vida, através da criatividade e aprofundamento da realidade das coisas e dos fatos. Porém, ao negar a intuição, todas estas realidades elaboradas pela arte de pensar ficam comprometidas e ficam subordinadas à mercê da inteligência que nunca abre mão da sua ideologia.

Como apontou Bergson, a missão da inteligência é sempre fragmentar para compreender e nunca sentir o todo para compreender. A compreensão do todo, do absoluto só é possível se o discurso metafísico estiver pautado na intuição da duração. Caso contrário, a realidade do espírito sempre estará sufocada pelos conceitos rígidos impostos pelo positivismo ou quiçá por uma metafísica morta submetida a conceitos rígidos longe de sua verdadeira função científica de ser, de fato, aquilo que deve constituir a sua verdadeira missão: ciência do espírito.

### **1.5. O Amor como Fundamento de uma Religião autêntica e um Discurso Ético.**

Bergson, durante o século XIX, influenciou fortemente o pensamento da filosofia. Nós podemos perceber que, na medida em que o seu pensamento filosófico amadurece, ele também aplicara seu método intuitivo de compreender a consciência espiritual do ser humano na perspectiva ética e religiosa.

O conjunto de suas obras mostra o itinerário e o aprofundamento do seu método intuitivo – ético – religioso- filosófico. Nas obras: Essai sur lês donnes immediates de lacon science (Dados imediatos da Consciencia 1889), Matiere et Memoir (Materia e Memória 1896), L' Évolution creatrice (A evolução criadora 1907) nesta última ele elabora uma metafísica fundada na biologia e será no último livro que ela abordará através do seu método intuitivo a religião e ética como realidades que também se relacionam com o intuir da duração. Nesta última obra Les deux sources de la Morale et de la Religião (As duas fontes da moral e da religião1932) podemos perceber um conteúdo ético e religioso que precisam ser analisados também dentro desta perspectiva do movimento e do intuir da duração.

A filosofia bergsoniana tem como princípio a vida e por isso seu objetivo é sempre resgatar a vida como fonte para filosofar e dar sentido a existência humana. Nestes seus últimos escritos, ele aponta para uma análise da consciência da verdadeira intuição da duração, e que afirma esta realidade faz com que o ser humano mais uma vez se diferencie de toda realidade de ser vivo.

Nós, seres humanos, somos norteados por normas morais. E este conjunto ético de regras, comportamentos, possuem duas fontes distintas, mas que são base para a vivencia moral que consiste na pressão social e o impulso do amor.

A ação moral é uma realidade para Bergson e esta ação envolve energia, movimento, como qualquer realidade vital. Por isso, esta energia moral pode estar dentro de uma perspectiva moral fechada ou aberta.

A moral fechada define-se pela obrigação. Esta só é raramente consciente, pois ela envolve o adestramento, isto é, o aprendizado através da educação. Já a moral aberta, ou moral da aspiração é uma realidade destinada a inscrever-se na trama social e a exprimir-se pelos termos da inteligência. Mas ela nunca se reduz a uma pura moral social nem a um puro discurso intelectual. Ela é uma força de liberação do homem, é a vida em sociedade, e esta tem necessidade de coesão, logo de fechamento, logo de obrigações numerosas e bem respeitadas (VIELLAD-BARON, 2007, p.49)

Esta realidade moral existente, ou a verdadeira moral ética na vida social do ser humano é herdada do impulso vital. Como discorreremos nas reflexões anteriores, a filosofia bergsoniana utiliza de uma metáfora para descrever como consiste a vida em si e esta vida podemos representar como um elã. Para Bergson, a vida é este

grande elã, este movimento contínuo, fazendo com que a intuição perpassasse toda e qualquer realidade de existência (BERGSON, 2006, p. 57).

Para filosofar com um verdadeiro espírito criativo e autêntico é necessário que haja uma verdadeira metafísica e esta ciência precisa do seu objeto intuição como elemento fundamental para dar sentido ao seu discurso sobre o real. Assim, também, para que verdadeiramente haja um agir ético, moral, na filosofia de Bergson, o indivíduo precisa compreender o que existe por trás de seus hábitos religiosos e sociais.

Nestas obras citadas, ele quer mostrar que o discurso moral, ou a verdadeira moralidade aberta é algo que não se ensina, mas que se busca e é sentida neste grande elã vital que é a vida. Esta moral aberta é uma realidade que não pode ser ensinada, precisa, mas realmente aprender através da verdadeira filosofia, do movimento da vida, do sentir da intuição da duração, do movimento do elã, o verdadeiro “eu” pode fazer também esta experiência de criatividade e agir ético autêntico.

Agora, se de um lado, nós temos a moral aberta, a oposição a esta vida autêntica do agir ético se encontra na moral fechada. Nesta realidade de fechamento a dogmas e comportamentos morais impostos por um processo e não por vivência e experiência intuitiva da realidade, nós podemos também incluir neste grande sistema ético a religião. A religião como a moral também faz parte da realidade humana. Portanto, estas duas realidades também podemos encontrar neste grande sistema espiritualista de evolução. Contudo, a verdadeira moral ou religião, ou se quisermos usar um discurso metafísico, podemos afirmar que a verdadeira religião ou moral em si, só é possível estiverem extremamente ligadas, relacionada intimamente com o tempo da duração.

Assim, como nós temos a vida moral, com seu conjunto de normas sociais regras e rupturas sociais, no discurso religioso também teremos este mesmo desafio de autenticidade ou imposição religiosa de fé. O discurso religioso também traz consigo suas contradições pois este também ao longo da história ficou submisso a conceitos e normas dogmáticas se afastando muitas vezes da vida e do sentido autêntico da experiência do sagrado através da intuição. Estas duas realidades podemos observar também na religião. Uma religião que tem como fundamento a experiência do sagrado através do movimento da vida presente no intuir da duração.

E a religião produtora de um sistema conceitual, rígido como o discurso positivista da época.

Estas duas realidades de religião bastante diferentes entre si, é uma verdade que podemos perceber segundo ele na própria dinâmica da história da humanidade. De um lado homens religiosos, místicos em ação que mudaram e deixaram sua marca de amor na humanidade. E outros homens, por sua vez, segundo ele uma grande maioria que foram apenas reprodutores de regras morais.

Esta análise presente na filosofia bergsoniana com relação a religião não tem nenhuma pretensão de desenvolver dogmas religiosos ou um proselitismo de adeptos a uma religião ou instituição religiosa. Porém ele quer ressaltar que a vida é o mais importante e que a verdadeira religião também precisa passar por este prisma. Por isso, que quando ele incluiu na sua filosofia um discurso sobre atividade religiosa do ser humano, o mesmo não tem pretensão nenhuma de elaborar uma teologia. Mas quer apontar mais uma vez que toda realidade humana autêntica passa por este elã vital.

Para ele, a religião não é uma teoria, mas um conhecimento, uma prática, enfim uma ação. E que, portanto, esta ação religiosa precisa ser também analisada nesta perspectiva da realidade espiritual de busca de sentidos.

...A religião estática é o resultado do que Bergson chama de função fabuladora, que se desenvolve durante a evolução por objetivos eminentemente vitais. A religião dinâmica é o misticismo cujo resultado, como escreve Bergson é a tomada de contato e conseqüentemente, a coincidência parcial com o esforço criador que a vida se manifesta (REALE, ANTISERI, 2003, p.724-725).

Do mesmo modo, afirma que a ética cumpre seu papel de promotora da vida quando está de fato, comprometida com uma moral que eleva a dignidade do ser humano, e este por sua vez não se permite ficar condicionado a leis ou normas rígidas de hábitos, mas se deixa levar pelo movimento do elã vital que é o próprio amor. Esta mesma realidade também serve para a autêntica religião.

Por isso, para ele, a verdadeira religião não consiste no cumprimento de normas dogmáticas e impositivas. Mas toda ação autenticamente religiosa desemboca numa experiência mística. E somente será uma autêntica religião, se esta religião é vivenciada, sentida pela consciência, como os místicos a descrevem

muito bem. Neste sentido, a religião autêntica e os seus adeptos, os místicos, podem realmente trazer um contributo eficaz para a vida e para toda humanidade, para que a humanidade volte realmente ao seu sentido, ao verdadeiro movimento do espírito. O ser humano precisa redescobrir, a partir desta ontologia do “eu que dura”, do intuir da duração estas duas forças também geradas por este elã vital presente na natureza, que é justamente a sociedade aberta e a religião aberta. Pois, quando o ser humano descobre realmente o seu verdadeiro “eu”, ele passa a sentir a vida e os seus atributos não mais de forma fragmentada parcial, mas numa maneira total absoluta como os grandes santos e homens de índole moral que deixaram nas vicissitudes da história a sua verdadeira marca humana que é o amor à vida e aos seus.

Depois de passarmos pelos postulados fundamentais da filosofia de Bergson, iremos abordar, no capítulo seguinte, as definições específicas da filosofia da religião do autor partindo da intuição e duas articulações com o transcendente e o sentido da experiência religiosa.

## **CAPÍTULO SEGUNDO**

### **A Filosofia Intuitiva de Bergson**

#### **2. A Intuição Bergsoniana e a Existência.**

A intuição como podemos observar, possui um papel relevante na filosofia de Bergson (1859-1941). Ele mesmo procurou não utilizar este termo no desenvolvimento do seu sistema filosófico. Contudo, o mesmo percebeu que outro termo seria totalmente incapaz de compreender a duração do tempo e não compreendendo o tempo em si, seria impossível perceber a presença da intuição no processo de conhecimento e sentido da vida.

Bergson (1859-1941) retoma com muita propriedade a discussão da intuição nos seus escritos. Embora, ele não tenha escrito nenhuma obra especificamente que fale sobre o assunto. Em todos os seus pensamentos esta realidade intuitiva estará sempre presente.

A intuição se faz presente no seu pensamento e segundo ele em toda e qualquer realidade vital. Para ele, a vida é possível graças a origem da a dinâmica do “*elã vital*” que compõe toda a existência. A realidade intuitiva não é algo apenas do ser humano. Pelo contrário, a intuição está em toda vida e assim esta realidade de vida se torna originaria, criativa.

Por isso, que intuição para Bergson (1859-1941), não consiste como vimos no capítulo anterior “algo supersticioso”, mágico, mas ela é um processo presente neste movimento da vida em si. Contudo, para entendermos verdadeiramente a intuição bergsoniana em primeiro lugar devemos conhecer uma das realidades primordiais do seu pensamento.

O tempo será o conceito fundamental para compreendermos o sentido da intuição na filosofia de Bergson (1859-1941). Caso contrário, podemos ter uma leitura anacrônica do seu pensamento. A ideia do tempo em Bergson (1859-1941) se dá justamente porque o mesmo vem mostrar o equívoco da leitura kantiana do tempo e espaço.

Kant havia estabelecido, dizia-se, que nosso pensamento se exerce no Espaço e Tempo e desse modo preparada especialmente para o homem: ‘a coisa em si’ escapa-nos; seria preciso, para atingi-la, uma faculdade intuitiva que não possuímos. Pelo contrário, resultava de nossa análise que pelo menos uma parte da realidade, nossa pessoa, pode ser recuperada em sua pureza natural. Aqui, em todo caso, os materiais de nosso conhecimento não foram criados ou triturados e deformados por não sei que gênio maligno que, depois, teria jogado num recipiente artificial, como nossa consciência, uma poeira psicológica. (BERGSON, 2005: p. 24)

A partir de Kant (1724-1804) a filosofia rompe com o paradigma da metafísica clássica. Kant no seu desenvolvimento filosófico deixa bem claro que o discurso metafísico seja uma realidade lógica, este discurso sobre o em si é impossível porque o ser humano só pode conhecer o fenômeno das coisas e nunca a coisa em si.

Segundo ele, o desenvolvimento do intelecto passa por duas categorias primordial para desenvolver o pensamento científico cujo nome ele denominou de tempo e espaço. A realidade do tempo e espaço são conceitos fundamentais no processo e desenvolvimento epistemológico segundo Kant (1724-1804) para nos conhecermos. Portanto, tempo e espaço são conceitos primordiais para podermos

apreender qualquer realidade, limitando assim a razão dentro deste sistema operacional.

Bérgson (1859-1941) observara esta dinâmica da filosofia kantiana e o mesmo romperá com este paradigma da categoria do sujeito transcendental mostrando que a filosofia não pode estar submissa a uma racionalidade condicionada *apriori* a dois conceitos tempo e espaço, esquecendo de algo fundamental vivido pelo sujeito que conhece que é a consciência do tempo vivido pelo espírito.

A racionalidade tem sua validade para o discurso científico que possui um meio próprio de operacional. Contudo, a realidade do espírito que traz consigo a consciência do sujeito que conhece não pode agir do mesmo modo. Afinal, o ser humano não é uma matéria inerte, somos corpo e alma, cérebro e mente, uma realidade de transcendência como tudo aquilo que nos circunda e dá sentido à nossa existência.

Deste modo, tudo que passa pelo crivo da experiência humana e nossa consciência a vida, a arte, a religião, e a própria filosofia em si; assume outro sentido além do tempo e espaço. Pois todas estas realidades elas possuem um objeto próprio e desenvolvimento e criação e que ele denominou depois de certo tempo de intuição.

Para realmente compreendermos a importância da intuição na vida e na arte, na religião e na filosofia, precisamos em primeiro lugar entender o que vem a ser o tempo. Só podemos ter noção da intuição se de fato rompermos com o velho paradigma do tempo que foi mal compreendido por Spencer (1820-1903), Kant (1724-1804), enfim pela própria história da filosofia ignorando o tempo realmente vivido do espírito pela consciência.

Assim compreenderemos a intuição, se de fato levarmos em consideração a realidade vivida pelo espírito em si. É esta noção do “em si”, a filosofia kantiana definiu que seríamos impossível de analisar porque a razão humana possui um teto no processo epistemológico de conhecer. Contudo, Bergson (1859-1941) mostrara a grande proeza de Kant (1724-1804) e reinaugura a partir do seu pensamento e argumento transcendental uma nova metafísica que tem como raiz em seu objeto não mais o ser e sim, a intuição constituindo uma nova metafísica.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Se existe um meio de possuir uma realidade absolutamente, em lugar a conhecer relativamente, de colocar-se nela em vez de adotar pontos de vista sobre ela, de ter a intuição em vez de fazer a

A intuição, portanto, para Bergson é a única realidade capaz de transcender a realidade do tempo e do espaço, garantido assim a eficácia e a qualidade conhecimento científico porém sem negar a realidade do espírito que é fundamental para que haja de fato conhecimento e vivenciado mistério da vida.

Porém, esta realidade será compreendida, se rompermos com o paradigma equivocado de compreensão do tempo e da própria intuição. Deste modo, “o método intuitivo, que representa uma inversão da direção habitual do pensamento” (MORA, 2004: p. 295) é essa mudança metodológica acerca da forma de construir e explicar o saber humano que possibilita uma nova metafísica.

Neste sentido, a filosofia de Bergson (1859-1941) é um método introdutório que permite o entendimento sem julgamento prévio do fenômeno, ou seja, “trata-se de uma intuição metódica” (MORA, 2004: p. 295). E esse entendimento combate o positivismo, pois considera todas as dimensões do ser humano, todos os saberes humanos, e não apenas a racionalidade.

Segundo Bergson a intuição é um dado imediato do espírito que possui como finalidade compreender o todo. Desta forma, o entendimento da existência humana passa pela capacidade do indivíduo constituir um sentido para a sua existência mediante o desenvolvimento do espírito humano para encontrar a realidade em que se situa a sua consciência.

Para Bergson os elementos do espírito humano que se apresentam na realidade intuitiva são uma demonstração clara de que tanto o positivismo quanto o espiritualismo são incapazes de entender a real dimensão da existência humana por causa da limitação racional que ambas sem impõe.

Neste sentido, a intuição Bergsoniana surge como a capacidade de articular o intelecto com o transcendental, a realidade e a dimensão metafísica. É uma proposta que implica em um espírito de simplicidade que significa o entendimento do todo sem qualificar aspectos como edificantes ou decadentes. A ciência e a metafísica constituem explicações complementares que elevam o espírito humano à consciência. Uma vez consiste de suas possibilidades o indivíduo age de acordo com sua escolha moral.

---

análise, enfim, de apreender fora de toda expressão, tradução ou representação simbólica, a metafísica é este meio. *A metafísica é, pois, a ciência que pretende dispensar os símbolos.* (BERGSON, 1989: p. 135).

Assim, chegamos ao primeiro desdobramento da existência humana, ou seja, a vida. Se no início Bergson seguiu a postura evolucionista de Spencer, no desenrolar da sua pesquisa filosófica caminhou para uma evolução criadora que constituiu um processo em constante desenvolvimento. É importante observar que Bergson não é panteísta, pois sua posição filosófica se aproxima mais de um monismo vitalista do que a simples ideia de que Deus está em tudo.

Precisamos esclarecer que as linhas do desenvolvimento são várias, contudo existem características únicas que colocam o ser humano em condições especiais diante da intuição e do intelecto. “Caberá fazer-se a vida tivesse empregado todas as virtualidades psíquicas nela presentes em fazer puros entendimentos, isto é, em preparar geômetras, mas a linha de evolução que desemboca no homem não é a única” (BERGSON, 2005. p. XII-XIII).

Muito embora conheçamos vários tipos de existência e vários tipos de vida é a nossa existência que nos remete a uma realidade imediata. Discutir como se dá a teorização ou a conceituação da ação não nos levará ao entendimento do significado da intuição. De acordo com Bergson somos o fruto de uma condensação da nossa história, de nossos antepassados, e das experiências que tivemos desde o momento em que nascemos. A constituição do caráter é uma constante crescente que se relaciona com a personalidade individual “nossa personalidade viceja cresce, amadurece incessantemente” (BERGSON, 2005. p. 06).

A proposta de Bergson ao tentar entender a fisiologia do caráter humano é desenvolver uma filosofia fundada na simplicidade e na busca constante do entendimento da realidade sem colocar limites ao conhecimento humano, mas ao mesmo tempo não supervalorizar a racionalidade para impor uma visão cientificista.

Seu modo de filosofar implica em compreender o conteúdo da existência e do filosofar humano além da dimensão da linguagem. Isto significa que se para Bacon em seu livro, *Novo Organum*, tentou refutar Aristóteles ao procurar eliminar a metafísica implantar um positivismo empirista, Bergson entendia que a metafísica e a ciência não caminham em direções separadas. A metafísica é uma forma de constituir sentido através da intuição humana.

A metafísica é, portanto, a ciência que pretende passar-se de símbolos. Há pelo menos uma realidade que todos aprendemos por dentro, por intuição e não por mera análise. É nossa própria pessoa em seu escoamento através do tempo. É nosso eu que dura. Podemos não simpatizar intelectualmente,

ou antes, espiritualmente, com nenhuma outra coisa. Mas certamente simpatizamos com nós mesmos (BERGSON, 2006. p. 188).

É a tomada da consciência da passagem do tempo que produz o movimento no indivíduo, pois é a percepção do escoamento do tempo e a tomada consciência da finitude da sua existência que produz a atitude do ser humano. Ao notar que a duração de sua existência se vai aos poucos ele procura dar um sentido para sua existência.

Eis a realidade inescapável em que o ser humano se encontra inserido pois não basta uma elaboração intelectual ou uma explicação racional para lhe amenizar o terror ao qual o espírito humano está submetido. Não é pela linguagem conceitual que se dá o entendimento do desenvolvimento da interioridade do indivíduo, pois a linguagem enrijece e é sempre um corte parcial da realidade e o indivíduo humano se percebe como um todo. A busca do entendimento do todo para o Bergson é um processo intuitivo de filosofar que não exclui a metafísica e que permite o entendimento das possibilidades do indivíduo humano sem lhe impor limites.

De acordo com Bergson “a existência de que estamos mais certos e que melhor conhecemos é incontestavelmente a nossa, pois de todos os nossos objetos temos noções que podem ser julgadas exteriores e superficiais, ao passo que percebemos a nós mesmo interiormente, profundamente” (BERGSON, 2006. p. 01).

Ao sabermos que o único conhecimento real que temos é aquele acerca do nosso interior notamos que estamos em constante transformação e não temos controle sobre ela.

Isto significa que se não tomarmos consciência da duração do tempo e da velocidade com que se move o espírito interior se quer saberemos quem somos. Retomamos assim a grande problemática filosófica evocada por Sócrates acerca de quem somos e do que seria o ser humano.

## **2.1. Religião e transcendência.**

A filosofia bergsoniana fundamenta-se na intuição. E percebemos que esta realidade intuitiva está diretamente ligada à questão da compreensão do tempo. Jamais entenderemos a presença da intuição segundo Bergson, senão compreendermos a natureza do tempo. Nós podemos afirmar que esta realidade do

tempo como duração ela é fundamento daquilo que o ser humano chama de consciência.

Nós somos seres temporais, temos esta consciência de finitude, porém esta temporalidade material não nos impede de transcender e este desejo de transcendência faz com que toda nossa experiência vivida perpassa nossa consciência temporal. Por isso, que para Bergson a compreensão do tempo não pode estar submissa há uma realidade logico-matemática como aponta a filosofia kantiana.

Para ele, o verdadeiro tempo, o tempo da consciência, o tempo do Espírito, ou se quisermos utilizar o conceito desenvolvido por sua filosofia a Duração, e chave hermenêutica para realmente entendermos o que é a vida, o ser humano, a consciência, a vida em si. Esta compreensão da realidade “em si” será a base para discorrermos sobre a capacidade que o ser humano tem de transcender, e de se perguntar pelas causas que geram espanto diante daquilo que ele não consegue entender.

Segundo ele,

Cada um de nós, quando se volta para si mesmo, se sente evidentemente livre de seguir seu gosto, o seu desejo ou o seu capricho, e de não pensar nos outros homens. Mas esta veleidade mal chegou ainda a desenhar-se e já é uma força antagônica sobrevém, feitas de todas as forças sociais acumuladas: diferentemente dos móveis individuais, que puxam cada um para o seu lado, essa força ascenderia a uma ordem que não deixaria de ter analogia com a dos fenômenos naturais (BERGSON, 2005b, p. 27).

O ser humano, neste processo evolutivo é um ser diferenciado, nós temos desejo de conhecer, temos consciência de finitude, e sabemos de nossa temporalidade material. Porém, esta realidade, ainda se torna muito mais provocativa, quando fazemos perguntas que perpassam nossa ciência positiva como, por exemplo: por que estou aqui? Qual o sentido da vida? Quem eu sou? Quem é Deus? O que é realmente a morte? Por que vivemos? Estes questionamentos são pertinentes e para ele são as buscas destas respostas que emergiram no homem outro tipo de conhecimento, que ele chama de conhecimento religioso.

A natureza nos possibilitou a vida. A vida é uma realidade. Nós a percebemos, contemplamos, sentimos, há um movimento criacional da vida. E quando falamos de

vida na filosofia de Bergson incluímos biologicamente toda realidade existente. O ser humano, o cosmo, os animais, os músculos, e assim por diante. Esta realidade da vida emerge deste grande “*élan vital*”, deste movimento que faz com que vida surja e dinamize todo o universo. A natureza gera vida, é um grande impulso. Porém, este impulso vital no ser humano tem uma realidade muito mais complexa.

Esta complexidade no ser humano ocorre, como já discurremos acima devido esta realidade do tempo que conhecemos. Nos seres humanos não somos apenas uma realidade instintiva. Embora os instintos estejam presentes em nós como estão nos animais. A natureza nos presenteou também como outra habilidade que é a inteligência. A inteligência possibilita o ser humano transcender a realidade material e gera em nós uma evolução que não percebemos no mundo animal.

Nós podemos perceber o tatu vive ainda em buraco, na terra há milhões de anos. O ser humano por um período viveu também de forma bem parecida. Contudo, nós podemos perceber a ousadia deste homem que até na lua pisou, e nos tempos atuais o processo de tecnologia que atualmente é um espanto e um bem para nós não temos como negar. Esta realidade evolutiva ela é possível graças à inteligência que nós seremos humanos herdamos neste processo complexo da natureza. E que esta qualidade inerente no ser humano possibilita que o ser humano seja inventivo, e gerador de cultura.

A inteligência desperta nós esta capacidade transcendência, mas permite-nos também viver em sociedade. A vida social ela é uma verdade para nós porque embora sejamos seres com singularidade, individualidade, toda esta memória de evolução é vivida em sociedade. Os animais vivem também de certo modo em sociedade, como por exemplo, as formigas, as abelhas. Só que as relações destes animais, não são constituídas pela dinâmica da inteligência presente no ser humano que altera o comportamento do indivíduo e da própria vida em sociedade.

Esta sociabilidade presente no ser humano é uma verdade porque somos seres que transcendem nossos próprios desejos. As obrigações sociais elas são exercidas no nosso dia a dia, inferindo diretamente na compreensão moral dos fatos e do cotidiano nosso. Este fator sociológico, ele é importante segundo Bergson porque a religião terá sua base antropológica a partir destes pressupostos.

Ao observamos o mundo animal, percebemos muita semelhança conosco em modo de organização social como, por exemplo, na vida social das abelhas.

Contudo, há elementos que nos afastam e nos diferencia totalmente desta tal sociedade. Enquanto instintos de sobrevivência são muito parecidos, mas quando a via da inteligência herdada pelo ser humano neste processo evolutivo faz com que nos diferenciemos cada vez mais deste processo complexo que a natureza nos fez. Por isso, que a religião é um elemento fundamental que da base para esta capacidade de transcendência que nós temos afinal o mundo animal não possui consciência do tempo e não tão pouco que há uma força que os guia nesta vida.

Assim, a religião provoca no ser humano desejos e questionamentos que o fazem mover, buscar, se posicionar e até mesmo questionar de fato o que é a vida, a sua vida, enfim o mundo que o cerca. Além destes questionamentos existenciais singulares no indivíduo, este mesmo perpassa a cada movimento social, ou seja, a religião também garante um elo social e moral. Afinal nós temos consciência que precisamos viver em sociedade. Por isso, a religião é uma faculdade de fabulação que atenua a complexidade da inteligência presente na vida humana.

É de resto admitir que a natureza instituiu a vida social nos extremos das duas grandes linhas da evolução que desembocam respectivamente no himenóptero e no homem, tenha regulamentado de antemão todos os pormenores da atividade de cada formiga no formigueiro, esquecendo-se de dar ao homem diretivas do seu semelhante. As sociedades humanas diferem sem dúvida das sociedades de insetos, na medida em que deixam indeterminadas as operações do indivíduo, tal como também as da coletividade. O que equivale, contudo, a dizer que, se as ações se encontram pré-formados na natureza do inseto, só a função o está no homem. Nem por isso a função está menos presente, organizada no indivíduo a fim de ser exercida na sociedade (BERGSON, 2005b, p. 98).

A religião possibilita o ser humano na sua base antropológica existencial dando fundamento as questões que transcendem o ser humano e sua vivencia em sociedade. A religião possui uma dinâmica própria que a ciência não tem. O discurso religioso possui fabulas, histórias que conseguem explicar e provocar o inexplicável. A religião consegue através dos seus sistemas de crença dar sentido aos fundamentos últimos do ser humano. Ou seja, a religião para Bergson ela também é criadora, intuitiva porem este conhecimento religioso só é compreensível quando o mesmo perpassa a própria inteligência.

Por isso, que ele irá elaborar uma diferença entre religião e religiosidade. E esta distinção é de suma importância. Para ele a verdadeira religião, ou se quisermos ser mais precisos, a religião em si, ou religião natural que realmente possibilita o ser humano transcender não está submetida ao tempo e espaço, as organizações religiosas. Uma religiosidade autêntica possibilita o ser humano a transcender. Ao contrário da religião institucional que possui sua base no discurso lógico-racional que possui pressupostos institucionais pautadas nos discursos ideológicos vivenciados por indivíduos ao longo do tempo.

Segundo ele a religião é uma verdade presente na vida humana. No entanto é preciso fazer esta distinção de religiosidade e religião. A religião, como a conhecemos, está pautada nas instituições religiosas com seus dogmas, e discurso racional teológico. Já a religiosidade é uma experiência humana, vivenciada pelo indivíduo que transcende a si mesmo. Afinal, a religião é algo natural no ser humano. Este dado antropológico nos faz rompermos com a ideia de que para ser religioso precisamos ter uma religião. Na verdade, para Bergson é o contrário primeiro você faz a experiência religiosa e depois o seu sistema de crença elaborado pelas religiões.

Portanto, a religião é esta força presente no ser humano que o possibilita a transcender a sua lógica. Nós somos seres racionais, social, porém existe no ser humano um desejo que o impulsiona. Há em nós uma busca de Absoluto, de certezas últimas que somente a religião é capaz de responder. Para ele, há uma vocação antropológica no homem que o leva a buscar uma transcendência e a questionamentos infinitos que, portanto, racionalmente é impossível de entender. E que por isso, a ciência religiosa e legítima distinguindo-se da ciência positiva. Afinal, o discurso religioso este também está extremamente ligado há uma metafísica intuitiva e que só é possível de ser entendido se o mesmo superar o paradigma da ciência positiva que sempre possui uma tendência materialista ideológica de querer explicar o mistério racionalizando o que não pode ser racionalizado, afinal o ser humano quando encontra a resposta automaticamente emerge outra.

A religião no entender de Bergson é uma forma do ser humano constituir sentido para a sua existência na medida em a realidade. Ele aparece como emergência *do élan vital*. É no aparecimento da realidade que se impõe sobre o

modo como os indivíduos desenvolvem suas teorias que permite a configuração de uma religião que é muito mais do que uma simples teoria.

Neste sentido a religião é um modo de estruturação e organização da vida para o sujeito. No entanto, a definição de Bergson em sua obra “as duas fontes da moral e da religião” permite entender a religião como algo maior do que uma simples conceituação acadêmica e sem valor prático.

Para Bergson “o ser humano é um ser de criação de mundo de representação” (BERGSON, 2005, p. 153), contudo, representação não significa simplesmente algo abstrato e sem sentido prático. É a constituição deste mundo interior que organiza a vida do indivíduo e lhe permite caminhar nesta evolução criadora, não positivista, mas criativa e concreta que faz da existência um caminho para o entendimento do ser humano e suas limitações.

Por isso, a religião é um caminho para a transcendência do indivíduo de sua realidade limitada, mas em nenhum momento algo inferior ou menor, a religião oferece ao sujeito elementos, segundo Bergson, para que possamos entender o processo intuitivo de busca constante de sentido em tudo o que fazemos. A transcendência é uma relação com o intuitivo, é um aceite da nossa condição de indivíduos de racionalidade limitada. Desta, maneira o sujeito em constante desenvolvimento e busca do sentido não é apenas sua razão, seu intelecto, pois este é para Bergson o equívoco o positivismo. Para Bergson, a matéria está em constante seleção natural, mas ela, a matéria, não é oposta ao espírito, ou a alma. Existe uma complementação e uma idade, e não uma dissociação entre matéria e espírito.

É esta unidade do ser humano que lhe permite o desenvolvimento constante em direção ao desconhecido. Por isso, a ciência não é inimiga da religião, a racionalidade não é inimiga dos sentimentos, mente e cérebro não são dualidades no mesmo corpo. O ser humano é uno, e a religião pode lhe abrir o caminho para a transcendência desta limitação que os sentidos nos apresentam.

Para entendermos este aspecto precisamos retomar o papel da intuição na configuração da filosofia criadora de Bergson, pois é a intuição o fundamento de toda busca do sentido e da existência do ser humano. É na relação e no modo de lidar com a intuição que cada indivíduo se distingue dos demais. É em cada bifurcação da realidade que se abre uma possibilidade para o entendimento da existência humana.

Para Bergson a religião constitui um sentido na medida em que aproxima o indivíduo de uma atividade espiritual. Quando falamos em atividade espiritual, em Bergson, nos aproximamos da mística “que aspira a efetuar a união da alma com a divindade por diversos meios (ascetismo, devoção, amor, contemplação )” (MORA, 2004, p. 1976). Neste aspecto existem grandes correntes de místicas no ocidente que podem ser resumidas como mística filosófica e mística cristã.

Na filosofia de Bergson destaca-se uma mística intuitiva que combate a mística racionalista e neoplatônica. Bergson quer retomar inteligência intuitiva de Platão que recoloca a dimensão da unidade da alma com Deus e não considera a mística com uma mera linguagem intelectual.

Sabemos que a tradição mística platônica influenciou os grandes místicos medievais da igreja cristã e, por conseguinte abriram-se diferentes campos da mística que não são objetos desta tese. O que queremos destacar é a definição de Bergson que considera o ato místico uma abertura da sociedade fechada bem como de toda imanência para considerar e prosseguir um impulso criador levando-nos ao transcendente e nos aproximamos do nosso ser. Com efeito, para Bergson o místico não é um mero linguista e sim um indivíduo que se aproxima da sua própria pessoa.

Depois de expormos o papel do místico na filosofia bergsoniana queremos destacar, as fontes da moral e da religião que constitui um caminho do indivíduo para o transcendente.

Para Bergson tudo começa na descrição do paraíso quando o homem decide livremente desobedecer à vontade divina.

Mas trata-se de uma obrigação incomparavelmente mais forte. Quando uma grandeza é superior a outra a tal ponto que a segunda se torna negligenciável em relação a ela, os matemáticos dizem que esta grandeza é de outra ordem. É o que se passa com a obrigação social. A sua pressão, comparada com a dos outros hábitos é tal que a diferença de grau equivale a uma diferença de natureza (BERGSON, 2005b, p. 24).

Tudo isto nos leva a crer que a obrigação moral do homem é de obedecer. Isto significa, que muito além do hábito cotidiano de reprova ou aprovar certos hábitos é a lei moral um exemplo de anterioridade. Por isso, o imperativo social é um costume humano que implica em trocas enquanto que a religião nos remete a leis morais inegociáveis. Nas palavras de Bergson:

Aqui em baixo, a ordem é simplesmente aproximativa e mais ou menos artificialmente obtida pelos homens; lá no alto é perfeita e realiza-se por si só. A religião vem, pois, completar aos nossos olhos a redução do intervalo já atenuado pelos hábitos do senso comum, entre um mandamento da sociedade e uma lei da natureza (BERGSON, 2005b, p. 26).

Isso nos faz entender o significado da obrigação moral inescapável à qual estamos submetidos nesta existência. Segundo Bergson, a religião pode abrir um caminho para transcendência na medida em que oferece o ferramental ao indivíduo humano que quer transcender o seu mundo material e espiritual que para Bergson é uno.

A presença da religião para os positivistas modernos é uma aberração, um falso raciocínio um absurdo que não faz sentido. Mas, segundo Bergson, é a capacidade humana de fabular, constituir sentido diante da falta, que faz o indivíduo suplantar sua própria capacidade racional. Na comparação com os animais estamos acima devido a capacidade racional e muito abaixo devido a superstição. Esta simples constatação nos alegra e nos deprime ao mesmo tempo porque não conhecemos muito pela racionalidade e precisamos construir sentidos quando a razão não nos oferecer algum. O que sabemos é que não se conhece nenhuma sociedade sem religião e que todas as tentativas de atacar a condição metafísica ou religiosa de um povo acabou por fortalecer a dimensão religiosa. Notamos, de acordo com Bergson, os limites do indivíduo ao tentar reduzir a existência humana a mensuração racional.

Considerando então, no domínio vaga e sem dúvida artificialmente delimitado da "imaginação", o recorde natural a que chamamos efabulação e vejamos a que poderá bem aplicar-se naturalmente. Desta função relevam o romance, o drama, a mitologia juntamente com tudo aquilo que a precedeu. Mas nem sempre houve romancistas e dramaturgos, ao passo que a humanidade nunca dispensou a religião. É provável, pois, que poemas e fantasias de todo o gênero tenham chegado por acréscimo, aproveitando-se daquilo que o espírito sabia fazer das fábulas, mas era a religião a razão de ser da função efabuladora: relativamente à religião, tal faculdade seria efeito e não causa. Uma necessidade, talvez individual, em todo o caso social, terá exigido do espírito este gênero de atividade. Perguntemo-nos de que necessidade se tratava. Devemos notar que a ficção quando produtora de eficácia é como uma alucinação nascente: é capaz contrabalançar o juízo e o raciocínio, que são as faculdades propriamente intelectuais. Ora, o que teria feito a natureza depois de ter criados seres inteligentes, se tivesse querido prevenir certos perigos da atividade intelectual sem comprometer o futuro da inteligência? A observação fornece-nos a resposta (BERGSON, 2005b, p.100).

Ao expor a dimensão estática da religião Bergson nos apresenta as peculiaridades e efabulação que constitui a existência humana. Embora o homem queira ignorar o tempo todo a sua finitude e aceitar as leis da natureza. Quando a angústia se impõe e a conservação social, que é a primeira função da religião para Bergson, está ameaçada o homem recorre a religião.

Segundo Bergson além da dimensão estática que já explicamos existe a dimensão dinâmica da religião que é fruto da vida do indivíduo. Isto significa que além de preencher os espaços da existência humana, papel da religião estática, a dimensão dinâmica da religião nos leva a constituição de um sentido além das explicações prontas. O desenvolvimento do indivíduo transforma a religião estática que caminha em direção da busca de Deus além da explicação dada pelos códigos religiosos. É a vontade do indivíduo que faz o ser humano ascender à dimensão da esperança de junção com o divino.

A alma mística quer ser este instrumento. Elimina da sua substância tudo o que não é suficientemente puro, suficientemente resistente e flexível, para poder ser utilizado por Deus. Sentia já Deus presente, acredita em percebê-lo em visões simbólicas, unia-se junto a ele no êxtase; mas eis que nada de tudo isto era duradouro porque tudo isso não passa de contemplação: a ação reconduzia a alma a si mesma e desligava assim de Deus. Agora é Deus que age nela, por ela: a união é total e por conseguinte definitiva (BERGSON, 2005b, p. 196).

O significado desta aproximação com o divino faz com que o indivíduo dependa uma enorme quantidade de energia vital para se movimentar na direção daquilo que acredita. Por isso, nada substitui a experiência inexorável da vivência do amor fraterno que o homem pode atingir. Eis a intuição abrindo caminho ao transcendente por intermédio da experiência do amor.

Porque o amor que o consome já não é simplesmente o amor de um homem por Deus, é o amor de Deus por todos os homens. Através de Deus, por Deus, ele ama a humanidade inteira como um divino amor. Não se trata da fraternidade que os filósofos recomendaram em nome da razão arguindo que todos os homens participam originalmente de uma mesma essência razoável: perante um ideal tão nobre inclinar-nos-emos com respeito; esforçar-nos-emos por realizarmos se não for demasiado incomodo para o indivíduo e para a comunidade; não nos apegaremos a eles cheio de paixão. Ou então será que respiramos neste ou naquele recanto da nossa civilização, o perfume inebriante que o misticismo aí deixou (BERGSON, 2005b, p. 197).

Portanto, é a experiência do indivíduo que percebe o *élan vital* mediante a realidade que lhe aparece que produz uma possibilidade de transcendência do mundo outrora limitado pela razão cartesiana.

Para Bergson existem duas dimensões na sociedade que são opostas e que precisam andar para se completarem. A primeira é a sociedade fechada que permanece no cumprimento dos deveres por obrigação moral e é feita para seus membros sem a possibilidade de alargamento. Este modo de sociedade impõe regras e procura pela razão destruir a religião. Já a segunda que é a sociedade aberta permite criações e entendimentos para superar dificuldades outrora intransponíveis. Contudo a religião não resiste a pressão social de ambas se lhe for tirada a capacidade imaginativa. É neste ponto que Bergson chama o ser humano ao cuidado interior retomando matemática monástica inaugurada por Santo Agostinho no século IV, ou seja, a vida interior.

No entendimento de Bergson, o surgimento da religião dinâmica é uma oposição a religião estática, fruto da função efabuladora. Isso significa que a religião constitui uma ferramenta de construção de sentido para o indivíduo.

Portanto, a alegria é:

a simplicidade de vida que propagaria no mundo uma intuição mística difusa, ainda, o que se seguiria a uma visão de além uma experiência científica alargada. À falta de uma reforma moral tão completa, será necessário recorrer a expedientes, obedecer a uma "regulamentação", contornar um a um os obstáculos que a nossa natureza ergue sobre nossa civilização. Mas quer se obter pelos grandes meios ou pelos pequenos impõe-se uma decisão a humanidade geme, meio esmagada sob o peso dos progressos que fez. Não sabe o suficientemente que o seu futuro depende dela. Cabe-lhe ver, para começar, se quer continuar a viver. Cabe-lhe perguntar-se, em seguida, se quer viver somente, ou fornecer o esforço necessário para que se cumpra, até mesmo no nosso planeta refratário a função essencial do universo, que é uma máquina de fazer deuses (BERGSON, 2005b, p. 262).

Percebemos que esta alegria de viver é possível quando não se oculta a morte e o pavor que o indivíduo humano tem da finitude. É justamente o enfrentamento da condição finita da existência humana que permite ao homem enquanto é tempo. Pois enquanto durar o seu tempo de existir haverá uma

possibilidade de construir um sentido além da razão. Ao percebermos isto podemos ter uma existência alegre.

## **2.2. A Intuição e sua Relação com a Mística Religiosa em Bergson.**

A intuição está presente na vida. Esta afirmação da filosofia bergsoniana faz questão de ressaltar. Para ele, o discurso intuitivo não pode ficar à mercê da inteligência, pois este faz parte do impulso vital de todo existir. Na obra *Evolução Criadora*. Deste modo, o filósofo deixa permeado em seus escritos que a intuição é preponderante em toda etapa de criação.

Embora a intuição seja um dado presente na vida. Esta se torna algo muito peculiar no ser humano. A intuição vivenciada pelo ser humano recebeu má interpretação e um enfoque todo diferenciado. Esta distinção no ser humano se dá, pois somos seres de consciência experiencial. Ou seja, para Bergson a experiência é um dado peculiar, pois graças a esta realidade de experimentar, nós podemos experimentar interpretar, discursar sobre o dado experimentando o objeto analisado e mais do que isso formamos nossa memória.

Por isso, que discorrer sobre intuição é levar em consideração atos humanos. Ou seja, toda realidade vivida pelo ser humano, de certo modo, com sua particularidade a intuição sempre estará presente. A presença intuitiva pode ser constata na arte, na filosofia, na ciência e também com muita propriedade na religião e nas experiências religiosas que o ser humano pode vir a fazer.

Este dado é muito importante ressaltar. A experiência para Bergson é de suma importância para gerar conhecimento. Embora ele faça severa crítica a dialética, a ciência positiva e ao mesmo tempo ao criticismo kantiano. Bergson não desenvolve na sua filosofia uma ramificação do platonismo ou um neoplatonismo.

Bergson tem noção do paradigma da modernidade, mas deixa bem claro, a cada desenvolvimento epistemológico do seu pensamento que o despertar filosófico jamais pode ignorar o discurso intuitivo, a experiência humana e principalmente a distinção entre filosofia e ciência, arte e vida, religião e experiência religiosa. Sem jamais abrir mão de uma única unidade antropológica, pois ele mesmo aponta para nós que não existe dualismo e dicotomia no processo de aprendizagem e experiência da vida.

Deste modo, discorrer sobre a mística em Bergson é algo tão natural como discorrer um teorema de matemática, ou a contemplação de uma obra de arte. Porém o que é preciso levar em consideração é que o discurso religioso místico não está condicionado à religião. Como a filosofia não está condicionada aos sistemas filosóficos desenvolvidos ao longo da história.

Para Bergson, a vida é um grande elã, vivo dinâmico e tudo que segue este movimento não fica submisso há uma estratificação, ou melhor, estático.

Agora, uma sociedade mística, que englobasse a humanidade inteira e que se encaminhasse animada por uma vontade comum, para a criação incessantemente renovada de uma humanidade mais completa, não se realizara evidentemente no futuro do mesmo modo que não existiram no passado sociedades humanas de funcionamento orgânico comparável a sociedades animais. A aspiração pura é um limite ideal, como a obrigação nua. Nem por isso é menos verdade que são almas místicas que arrastaram e arrastam ainda no seu movimento as sociedades civilizadas. A memória do que foram, do que fizeram, depositou-se na memória da humanidade. Cada um de nós a pode revivificar, sobretudo se aproximar da imagem, mantida viva dentro de si, de uma pessoa que participava dessa misiticidade e a fazia irradiar em seu redor. Ainda que não evoquemos esta ou aquela grande figura, sabemos que nos seria possível evocá-la exerce assim sobre nós uma atração virtual (BERGSON, 2005b, p. 81).

Para Bergson discursar sobre a experiência religiosa é algo natural, pois está também faz parte da experiência humana. Por isso que sua última obra filosófica:

“As duas fontes da Moral e da religião” pode ser lida numa perspectiva antropológica–filosófica e não um tratado teológico pois o seu pressuposto não é um absoluto como requer o discurso teológico, mas a experiência vivida pelo ser humano dentro deste processo da vida e de sua evolução como fonte criadora.

A intuição e esta força criadora e está quando e percebida na experiência religiosa se torna mística e referência de aprendizagem, pois o indivíduo místico é aquele que de fato para Bergson experimentou no íntimo do seu ser, a essência da religião. A religião para Bergson aponta um olhar para o mistério, pois está sempre é lida com perguntas que escapam da nossa lógica científica como, por exemplo:

“Porque estou aqui? Qual o sentido da vida? O é o amor e mais forte o que é o mal?

Estes questionamentos fazem a humanidade elaborar institucionalmente um olhar sociológico da vida e das diversas experiências que o ser humano faz nesta vida. Esta complexidade da experiência humana faz com que a religião fique com duas fontes, ou melhor, duas polaridades que fazem parte deste conhecimento.

Assim, a religião como a moral para Bergson estão pautadas em duas realidades, de um lado a religiosidade, a moralidade e do outro lado a transcendência e a liberdade.

A religião cumpre seu propósito quando faz com que o indivíduo perceba que existe uma evolução. Que esta vida é dinâmica, que a eternização do tempo não é real, mas que o mesmo é um devir contínuo sem rupturas e que, portanto, a duração é um elemento fundamental para compreendermos o sentido da vida e da própria intuição. E que a grande contribuição de uma experiência mística é repercussão ética e de transformação social que o indivíduo gera na vida social.

A emoção criadora que suscitava estas almas privilegiadas e que era um transbordar de vitalidade difundiu-se em seu redor: entusiasmadas, irradiavam um entusiasmo que nunca se extinguiu por completo e que pode sempre voltar a encontrar sua chama. Hoje quando ressuscitamos pelo pensamento esses grandes homens de bem, quando os ouvimos falar e quando os vemos agir, sentimos que nos comunicam parte do seu ardor e que nos arrastam no seu movimento, já não se tratam de uma coerção mais ou menos atenuada, é uma atração mais ou menos irresistível (BERGSON, 2005b, p. 90).

Assim, para ele, a religião começa a ser algo atraente para a humanidade quando esta realidade antropológica é potencializada pela intuição. Para Bergson a intuição é a mola propulsora da mística. Como a intuição é o objeto da metafísica, assim a mística é para Bergson o elemento intuitivo da verdadeira experiência religiosa.

Nesta obra: “as duas fontes da moral e da religião” Bergson quer mostrar que toda experiência vivenciada pelos homens místicos transcende a institucionalização e o dogmatismo religioso. Uma experiência que qualquer ser humano pode fazer desde que o mesmo perceba em seu íntimo, este potencial psíquico de busca e que pode ser despertado pela experiência intuitiva da vida.

Esta distinção do pensamento bergsoniano ocorre pelo fato dele analisar a distinção que existe entre inteligência/espírito, razão/espírito, criador/criatura, ciência/metafísica, e por fim religião/mística. Esta distinção para ele não vem a ser um dualismo. Pois como afirmamos o pensamento de Bergson não é dualista. Pelo contrário, ele combate fortemente esta ideia de compreensão da realidade de forma dicotômica.

Contudo, esta foi a forma que a natureza colocou na vida para podermos compreender a realidade. E o espírito humano graças a inteligência de modo

pedagógico fez com que nosso processo de aprendizagem tivesse esta mera aparência de distinção. Contudo é preciso lembrar que todo movimento da vida se dá num elã contínuo e ininterrupto que nos levar a realmente entender que o verdadeiro tempo da vida se dá na duração.

A verdade é que a inteligência começará por aconselhar o egoísmo. É nessa direção que o ser inteligente se precipitará se nada o vier deter. Mas a natureza vigia. Há pouco, perante a barreira aberta, surgiu um guarda, proibindo a entrada e repelindo o infrator. Aqui será um deus protetor da cidade que proibira, ameaçará, reprimirá. A inteligência regula-se de fato, a partir de percepções presentes ou desses resíduos de percepção mais ou menos afins das imagens a que chamamos de recordações (BERGSON, 2005, p.110).

Como afirmamos, a filosofia intuitiva de Bergson faz questão de colocar a experiência como elemento importante para perceber o conteúdo perceptivo que o ser humano faz da vida, de si e do mundo. E que a memória é um elemento importantíssimo para o desenvolvimento desta capacidade e desejo que o homem tem de conhecer.

Porém toda experiência para Bergson é sempre algo posterior. A intuição não fica à mercê da inteligência. A intuição é esta força criadora presente na vida que se distingue da dinâmica da inteligência que sempre analisa e fragmenta a experiência que o indivíduo faz neste movimento da vida. Por isso, que para Bergson há uma distinção muito clara entre religião e inteligência, entre ciência e metafísica, entre religião e mística. A religião para ele surge neste panorama como “uma reação defensiva da natureza contra o poder dissolvente da inteligência” (BERGSON, 2005, p. 110).

Esta realidade de poder comunicar o dado da experiência, o conteúdo perceptivo do dado experiencial nos distancia do mundo animal fazendo com que o ser humano transcenda seus instintos o levando a querer sempre mais de si e da vida. Por isso que a inteligência não é o elemento principal da vida humana, mas ela é um elemento entre outros que fazer parte deste grande mistério que é a vida.

Este mistério da vida que nos seres humanos temos se dá porque além de sentirmos este impulso vital, também temos noção de nossa finitude. A religião colabora muito conosco para que diante desta ideia de finitude não nos deixemos levar pelo medo e o assombro da morte. Mas que esta realidade de finitude faz parte de nossa evolução dentro deste processo da vida. Por isso que a religião vem

assegurar para o crente que a vida transcende esta realidade material que a vemos e que a morte faz parte também da experiência da finitude humana.

Nem por isso é menos verdade que a certeza de morrer, surgindo com a reflexão num mundo de seres vivos feito para pensar apenas em viver, contraria a intenção da natureza. Esta vai tropeçar no obstáculo que lhe aconteceu colocar no seu próprio caminho. Mas corrige-se de imediato. A ideia de que a morte é inevitável opõe a imagem de uma continuação da vida depois da morte; esta imagem, por ela lançada no campo da inteligência onde a ideia acaba de se instalar, repõe as coisas em ordem; a neutralização da ideia pela imagem manifesta então o próprio equilíbrio da natureza que se impede de escorregar (BERGSON, 2005b, p. 116).

Assim a religião cumpre seu papel social enquanto elemento ético que norteia a vida social. Mas esta também transcende a si mesmo, quando o ser humano começa a perceber que o mesmo faz a experiência da finitude de sua existência. Ou seja, na dinâmica da própria natureza nos seres humanos temos consciência da morte como certeza que um dia iremos experimentar.

Este impulso vital faz com que:

Todos os outros seres vivos da representação da morte, o pensamento da morte deve abrandar no homem o movimento da vida. Poderá mais tarde enquadrar-se numa filosofia que elevará a humanidade acima de si mesma e lhe dará mais força para agir. Mas começa a ser deprimente e sê-lo ainda mais se o homem não ignorasse certo que está de morrer a data em que morrerá (BERGSON, 2005, p. 117).

Por isso, a filosofia, e se quisermos afirmar a experiência religiosa autêntica para Bergson não pode ficar presa a conceitos elaborados pela inteligência. Mas cabe ao filósofo, ao místico perceber, intuir o significado metafísico desinteressado deste movimento presente na vida. Afinal a religião faz parte da realidade social do ser humano.

No entanto, a autêntica experiência religiosa transcende a própria natureza da religião fazendo com que o ser humano não fique no normativo das constituições da religião, mas que seu desejo de “algo a mais” e irá em busca de suas resposta e sentido para sua vida transcendendo conceitos elaborados a partir de um dado da experiência que sempre se dá num dado posterior.

O ponto de partida da filosofia de Bergson é a intuição. É nela que se apresentada todo o fundamento da filosofia do pensador. Nesta perspectiva é que o movimento da vida produz uma possibilidade do entendimento da relação entre o *elan vital* e a intuição.

Nas palavras de Bergson,

É acreditar que a vida, em seu movimento e sua integralidade, procede como nossa inteligência, a qual é apenas uma vista imóvel e fragmentaria que tomamos da vida e que se coloca sempre naturalmente fora do tempo (...). Mas, acerca do caminho que iria ser percorrido o espírito humano nada tem a dizer, pois o caminho foi criado ao mesmo passo que o ato que o percorria, não sendo mais do que a direção este ato ele próprio. A evolução deve por tanto comportar uma interpretação psicológica que, do nosso ponto de vista, é sua melhor explicação, mas esta explicação só tem valor e mesmo significação no sentido retroativo. Nunca a interpretação finalista, tal qual nós a proporemos deverá ser tomada uma antecipação sobre o porvir. É uma certa visão do passado à luz do presente (BERGSON, 2005a, p. 56).

De acordo com Bergson este entendimento do significado da vivência da existência humana passa pela construção da compreensão do passado e do presente individual sem limitar o entendimento humano a dicotomia entre razão e matéria e pela construção cotidiana da relação entre mundo e consciência na tomada de decisão constante à qual somos chamados. Por isto, a filosofia Bergsoniana distinguiu a religião entre estática e dinâmica. Ao fazer isto estabelece um fundamento para o entendimento do processo de constituição mística da religião dinâmica.

É na vida cotidiana que emerge a intuição que por sua vez permite mediante a duração do tempo um entendimento metafísico que englobe matéria e espírito, oferecendo um sentido para existência humana. É importante saber que Bergson não nega que matéria e racionalidade são distintos, o que ele propõe é a união destes dois aspectos da existência humana na constituição do homem. Por isso, o espírito não exclui a matéria, a razão não exclui a biologia, ou o intelecto não exclui a física.

Esta proposta chama o ser humano ao caminho do entendimento da existência humana que nos faz perceber uma dimensão de mistério. É no mundo concreto que este ministério se manifesta, pois, a matéria e o entendimento são insuficientes para saciar o desejo humano de conhecer o transcendente. Por isso, a vida humana é constituída por um *elan vitae* que se revela em todos os momentos da nossa existência. A evolução humana, do ponto de vista biológico, é compreensível e demonstrável, contudo, não há progresso ou evolução na constituição moral do sentido da existência.

Chegou o momento de estabelecer que, se o mecanismo não basta para dar conta da evolução o meio de provar essa insuficiência não é deter-se da concepção clássica da finalidade, menos ainda escolhê-la ou atenuá-la, mas, pelo contrário ir mais longe que ela. Indiquemos deste já, o princípio de nossa demonstração. Dizíamos que a vida, desde de suas origens, é continuação de um só e mesmo elã que se dividiu entre linhas de evolução divergentes. Algo cresceu, algo se desenvolveu por uma séria de adições que foram, todas elas, criações. É exatamente este desenvolvimento que levou a dissociarem as tendências que não podiam crescer além de um certo ponto sem se tornarem incompatíveis entre si (BERGSON, 2005a, p. 58).

Este entendimento da existência humana nos leva a compreensão da evolução criadora defendida por Bergson. Por isso, o papel da intuição é despertar a criação. É estabelecer um processo de criação que é infinito e constante sem chamais recorrer ao panteísmo de Spinoza. É por isso que a intuição está presente em todos os momentos da existência, mas em nenhum momento intuição é sinônimo de adivinhação ou premunicação. O filósofo não faz conjecturas sobre o futuro nem advinham os acontecimentos subsequentes, ao contrário, analisa o passado e presente para tentar entender ambos e construir uma explicação ou um sentido.

Segundo Bergson a presença do *elan vital* é constante e constitui um fio desde a ancestralidade até nossos dias.

É por isso, que, por mais que a vida evolua diante de nossos olhos como uma criação continua de imprevisível forma sempre permanece a ideia de que forma, imprevisibilidade e continuidade são puras aparências nas quais se refletem ignorâncias correlativas (BERGSON, 2005a, p. 33).

O entendimento desta constante na existência humana nos conduz ao centro do significado do discurso religioso para existência humana. Ao apontar para uma dimensão mística intuitiva Bergson não quer eliminar a religião estática entender a aprofundar a importância da religião dinâmica que é compreensível mediante a duração da existência humana e de seu processo criativo. É a constitua e infinita interrogação do homem acerca do seu fim que o conduz na senda do entendimento do significado de sua vida. O místico é justamente o indivíduo que não aceita uma explicação fisiológica materialista sem Deus e procura um sentido maior para sua existência transcendendo esta matéria para alcançar uma perspectiva metafísica que é maior do que mera filosofia da linguagem. Para Bergson toda a religião se alimenta de seus místicos porque são eles que estão no limiar de Deus. Ao flertarem com a heresia os místicos empurram a barreira do entendimento para discussão que a

religião estática não propõe. Isto significa que o místico não irá destruir a religião, mas lhe dará um entendimento além daquele existente tanto para contemplação quanto para a ação. Podemos entender isso se recordarmos a criação das ordens monásticas pela Igreja Católica.

## **CAPÍTULO TERCEIRO**

### **A Perspectiva Religiosa do Pensamento Bergsoniano**

#### **3. O Discurso Religioso**

Segundo Bergson o discurso religioso de um determinado grupo ou indivíduo encontra-se diretamente relacionado com a forma que se vive a experiência religiosa e o entendimento metafísico da religião.

Bergson propõe no seu pensamento filosófico uma nova metafísica. Ele tem noção da importância desta ciência do “espírito” para o desenvolvimento criativo da filosofia e do resgate da vida como centro do pensar filosófico. Contudo, ele sabe das dificuldades de aceitar este pensar metafísico, afinal ele é um autor contemporâneo.

A filosofia bergsoniana está no centro da recusa do pensamento metafísico. Durante muito tempo na história da filosofia, esta discussão do pensar filosófico foi preponderante, e talvez este fosse o grande equívoco pois o pensar metafísico ficou no ser, ou nas grandes discussões vindas deste ser, como por exemplo: o nada existe?

Estas questões que geraram na filosofia grandes debates filosóficos fizeram com que a ciência do espírito perdesse de fato sua essência, como propulsora da vida e ficasse refém de um pensamento, lógico, idealista e sem sentido fazendo com que esta perdesse toda sua originalidade e principalmente a sua verdadeira função intuitiva de ler a experiência da vida e gerar criação.

Como já afirmamos Bergson não exclui da sua filosofia a importância do pensar e do agir para o desenvolvimento filosófico e científico. Ele aponta que este é o papel da inteligência agir na matéria, manipular, fragmentar para compreendermos o processo de fazer ciência. Contudo, este é apenas um lado da dinâmica da vida. O ser humano é mais do que inteligência, somos seres de criação, somos realidades espirituais cuja a natureza nos presenteou com algo que é comum nela mesmo, mas em nós assume um papel totalmente inovador que se chama intuição.

Assim irá constituir uma ciência do espírito, uma metafísica verdadeira, que irá definir positivamente em vez de simplesmente negar tudo o que sabemos da matéria. Assim compreendendo a metafísica, conferindo a intuição o conhecimento do espírito, nada retiramos da inteligência, pois pretendemos que metafísica que era obra da inteligência pura eliminava o tempo, e que, desde então, ela negava o espírito ou o definia por negações: esse conhecimento inteiramente negativo do espírito, nós o deixaremos de bom agrado para a inteligência se a inteligência fizer questão dele; apenas pretendemos que há outro (BERGSON, 2005a, p. 890).

Para ele, o discurso metafísico é uma realidade importante do conhecimento. Contudo este desenvolvimento da ciência do espírito não pode ter como paradigma o ser. Aliás, foi por causa desta idolatria do ser que a metafísica perdeu sua vocação originária da vida, pois esta ficou submissa no mar das discussões sobre a ontologia do ser, esquecendo do movimento da vida e principalmente da verdadeira realidade constitutiva da existência humana que é o tempo.

Assim, ele aponta uma nova metafísica, ou melhor, a metafísica só é possível, pois esta é a única capaz de perceber algo que a ciências positivas não percebem que é a duração. A duração é o tempo do espírito, é realidade da vida que se ecoa neste grande movimento, neste *elã vital* que a partir dele elabora e cria todas as coisas. E esta realidade temporal nós seremos humanos podemos perceber porque o ser humano tem noção e consciência de sua finitude.

Somos nós a única realidade que percebemos e que temos plena consciência a partir do nosso desenvolvimento biológico que iremos morrer.

Por isso, que a metafísica no pensamento bergsoniano assume um papel importante, pois, esta nos dá subsídio para compreendermos a duração do real, deste movimento que passa e que em nossa realidade constitutiva de ser fica marcado em nossas experiências.

As nossas experiências são realmente vivenciadas pelo nosso ser, porem todo processo descrito destas é sempre revelado pela linguagem que sempre limita esta fonte do tempo como duração. Assim, a intuição que na natureza é algo comum, no ser humano o seu papel assume uma particularidade muito especial potencializado nossa inteligência e fazendo com que o ser humano seja um ser criador, inovador pois esta nos leva a romper como processo frio e calculista da inteligência.

Por isso que para Bergson, a metafísica é de fato, uma ciência, pois esta também passa pela experiência da vida. Contudo, metafísica só pode ser uma ciência do espírito se levar em consideração o verdadeiro tempo que consiste na compreensão da duração e que por vez, esta realidade da duração é percebida por esta franja que transcende a inteligência que se chama intuição.

Temos assim, de um lado, a ciência e arte mecânica, que são da alçada da inteligência pura, o outro, a metafísica, que recorre a intuição. Entre essas duas extremidades virão então se colocar as ciências da vida moral, da vida social, e mesmo da vida orgânica, estas mais intelectuais, aquelas mais intuitivas. Mas intuitivo ou intelectual, o conhecimento ser marcado pela precisão (BERGSON, 2005a, p. 89)

Assim, a metafísica cumprira o seu papel de ciência do espírito porque tem como objeto epistemológico a intuição como fundamento do saber e não o discurso do ser que predominou durante a história da filosofia. Deste modo, a metafísica na visão bergsoniana resgata o seu valor científico e sua credibilidade porque resgata o valor da experiência como fundamento para compreender a realidade do tempo que sempre foi um enigma na história da existência humana.

Contudo, a partir do conceito de duração o tempo já não é um enigma, e nem mais um mistério para Bergson. Simplesmente ele é a realidade existente da vida humana e que de fato, nos leva a reconhecer nossa finitude neste grande mistério que é a vida. Deste modo, os grandes problemas até então insolúveis para a filosofia clássica seriam resolvidos tranquilamente quebrando este paradigma da primazia do ser pelo fluxo e movimento do tempo.

Quem sabe se os 'os grandes problemas insolúveis não ficarão na película? Não concerniam nem ao movimento nem a mudança nem ao tempo, mas apenas ao envoltório conceitual que tomávamos falsamente por aqueles ou por um seu equivalente. A metafísica torna-se a então a própria experiência. A duração revelar-se a tal como é criação contínua, jorro ininterrupto de novidade (BERGSON, 2005a, p.11).

Assim a duração e a metafísica pautada na intuição cumprem seu papel colaborando no processo de representação e significado para existência humana. É preciso ressaltar que a intuição é uma realidade presente na vida, mas a sua força é potencializada na consciência humana. Esta realidade intuitiva não é algo mágico, surreal, ou pertencentes aos deuses. Pelo contrário ela faz parte da natureza humana e durante muitos anos devido ao excesso da linguagem promovida pela

história da filosofia, ficou sufocada deixando de cumprir seu papel de norteadora de vida.

A faculdade da de intuição realmente existe em cada um de nós, mas recoberta de funções mais úteis a vida. O metafísico trabalhou, portanto, a priori sobre conceitos depositados antecipadamente na linguagem, como se, descidos do céu, revelassem para o espírito uma realidade suprassensível. Assim nasceu a teoria platônica das Ideias. Carregadas pelas asas do aristotelismo e do neoplatonismo, atravessou a idade média, inspirou por vezes sem que o percebessem os filósofos modernos (BERGSON, 2005a, p. 50).

Por isso que Bergson propõe uma nova filosofia pautada na intuição. Filosofia esta composta por um método sério, de reflexão do espírito que parte de uma experiência concreta levando em consideração a experiência, análise conceitual da linguagem e do próprio conteúdo perceptivo porém sem nunca perder de vista este grande movimento do elã vital da própria vida.

A vida deve ser o centro de toda discussão filosófica. Por isso que para Bergson, a filosofia da sua época estava perdendo sua beleza. Esta estava se mergulhando nos moldes da inteligência que sempre possui uma tendência analítica, fria, matematizada de descrever as coisas. Para ele o papel da inteligência é sempre fabricar, elabora utensílios, enfim fazer com que o ser humano sobreviva. Ao contrário da filosofia, essa por ser ciência do espírito, e por ser pautada na intuição sempre é inovadora e criacional pois essa intimamente ligada a dinâmica da vida e da duração.

O homem é essencialmente fabricante. A natureza, ao lhe recusar instrumentos já prontos como por exemplo, os dos insetos, deu-lhe a inteligência, isto é, o poder de inventar e de construir um número indefinido de utensílios. Ora por mais simples que seja a fabricação, ela é feita com base num modelo, percebido, imaginado: real é o gênero definido pelo próprio modelo ou pelo esquema de sua construção (BERGSON, 2005a, p. 24).

A intuição é essa força presente na criação. A criação é uma realidade da vida. A vida é este grande presente que na perspectiva do ser humano assume uma particularidade muito especial. Este elã vital na dimensão do ser humano que se depara com sua finitude irá ter um desdobramento que ela chamará de homens e mulheres místicos.

Para Bergson, a verdadeira experiência religiosa será afetada pela intuição. Pois toda realidade humana passa pelo crivo da experiência intuitiva. Por isso, que

a verdadeira experiência religiosa, segundo sua filosofia, é real e verdadeira quando essa é potencializada pela capacidade que o ser humano tem de transcender dogmas e conceitos religiosos.

Da mesma forma que a ciência positiva, a metafísica clássica perdeu o seu valor criacional. Assim também ocorre com a religião quando essa não percebe o fluxo deste movimento da vida. O elã vital, deve ser uma referência para toda experiência humana, e como a religião é própria do ser humano apenas, a autentica de seu conhecimento religioso se dará quando o ser humano percebe que ele pode ir além dos conceitos religiosos e fazer uma experiência concreta e real de um absoluto que parecia ser inalcançável até a hora que ele percebe que o pode vir a fazer esta experiência que podemos chamar de experiência mística.

O elã vital é capaz de tocar, transformar o parâmetro religioso fazendo com que a experiência religiosa não fique análoga em si mesma, ou fechada em si. Mas pelo contrário se torne impactante e transformador na vida social, afinal a experiência mística mostra de fato, não por meras palavras, mas por profunda emoção que o amor é uma realidade do homem que se encontra com Deus ou com o absoluto.

Deste modo, para Bergson a verdadeira experiência religiosa é geradora de vida. Em outras palavras, ser uma religiosa, e ser uma pessoa intuitiva, e ser uma pessoa intuitiva é ser um místico, afinal na história da humanidade e das grandes religiões somente os místicos que agiram de forma concreta e com uma profunda experiência mística de fé forma capazes de transcender e romper com paradigmas que sufocavam também o conceito de religião e de fé.

Com efeito, o discurso religioso emerge da vivencia religiosa de cada indivíduo. Neste sentido, é a forma como se vive a religião que constitui um discurso religioso e amplia os horizontes de quem está vivendo a aquela religião. Portanto, a estruturação de um discurso religioso constitui sentido para o indivíduo. É este sentido que constitui um significado para toda ação religiosa no meio em que se propaga a existência do sujeito. Este aspecto constitui a via de sustentação da religião local.

O discurso religioso no entendimento de Bergson não permite o entendimento completo do significado da religião se mantivesse restrito a racionalidade. Ao criticar

Kant, Bergson aponta a necessidade de considerar o discurso religioso como um tipo de conhecimento que vai além das meras representações científicas, ou seja,

É a ciência que se tornara então um acidente, e seu existo um mistério. – Você não poderia, portanto, deduzir nem o primeiro sistema de imagem do segundo, nem o segundo do primeiro, e essas duas doutrinas opostas, realismo e idealismo, quando recolocadas enfim sobre o mesmo terreno vêm, em sentidos contrários, tropeçar no mesmo obstáculo (BERGSON, 2010, p. 24).

Ao retomar a solução kantiana que supera a dicotomia entre realismo e idealismo, Bergson não está discordando da teoria do conhecimento de Kant, na verdade ele quer mostrar que o método para conhecer não significa a impossibilidade da metafísica.

Segundo Bergson o discurso religioso é uma forma de lidar com o problema da finitude humana, pois, não conseguimos explicá-lo com a nossa racionalidade. Para Bergson se observarmos de perto e com atenção tanto idealismo e realismo tentam explicar a existência humana, desde modo o problema que Kant resolveu permitiu a junção da empiria com o transcendental e não, como disseram os seguidores de Kant, trancafiou a metafísica e potencializou a ciência.

Escavando agora por baixo das duas teorias, você descobriria nelas um postulado comum, que formularemos assim: A percepção tem o interesse inteiramente especulativo; ela é conhecimento puro. Toda discussão tem por objeto a importância que é preciso atribuir a este conhecimento em fase do conhecimento científico. Uns adotam a ordem exigida pela ciência e vêm na percepção apenas uma ciência confusa e provisória. Outros colocam a percepção em primeiro lugar, erigem-na em absoluto, e tomam a ciência por uma expressão simbólica do real. Mas, por uns e outros, perceber significa antes de tudo conhecer (BERGSON, 2010, p. 24).

Desde modo, a unidade no conhecimento não dissocia o ser humano, pois, conforme a filosofia antiga ensinou a busca pelo conhecimento é o grande motor da existência humana é o movimento do *elã vital* que possibilita e sustenta o conhecimento intuitivo que por sua vez produz o processo de evolução criadora para nos aproximar da constituição de um sentido para existência.

Se considerarmos o alcance do discurso religioso proposto por Bergson nos aproximaremos da religião dinâmica que nos levará a ampliação do sentido da existência. Evidentemente esta postura de transbordamento constante nos levará ao

caminho místico que ampliará o alcance do conhecimento do mundo que temos e proporcionará a constituição do entendimento humano como um todo.

Para Bergson a religião organiza na realidade e proporciona ao indivíduo humano uma coesão moral por um lado, e por outro, organiza a vida interior que anseia pelo todo.

Sabemos que o homem contemporâneo tem dificuldade de lidar com os dados postos da religião porque é treinado para dividir, separar, fragmentar, resultando na confusão do método relativista com a posição relativista. Bergson não exclui a possibilidade de dividir para melhor conhecer, mas não propõe o engessamento relativista que impede o conhecimento do todo. Desde modo, o enriquecimento humano e a fruição do *elan vital* é um rompimento do paradigma do absolutismo relativista proposto na modernidade pelo positivismo e vivido pelo relativismo científico do nosso tempo. Além disso, Bergson aponta a necessidade da compreensão do tempo com a duração da experiência humana, pois é na duração que acontece a história do ser humano.

Quando Bergson aponta para o significado de conhecer procura deixar claro que a ciência não pode conhecer tudo, e isto a própria ciência demonstra. O conhecimento intuitivo leva em conta o todo enquanto que o conhecimento fragmentado permanece nas partes. É a experiência religiosa que produz um sentido para o indivíduo e lhe permite suportar o fato de ser finito diante do infinito. É a dinâmica da religião que produz um desenvolvimento do entendimento da existência humana para a significação de cada sujeito. Para Bergson não existe um sujeito sem sentido.

Desde modo, o discurso religioso não pode ser somente retórico, conforme propõe o relativismo. Ao mesmo tempo não pode ser puramente racional como propõe o relativismo e a ciência moderna. Bem como não pode ser apenas idealista, conforme propõe as espiritualidades alternativas. O discurso religioso, segundo Bergson, precisa da prática, ou seja, da vivência como religião que caminha em direção ao todo. É a religião dinâmica.

A intuição é inerente a existência visto que ao constituir um sentido o indivíduo utiliza o instituto natural intuitivo associado a razão para fazer um discurso. É uma força análoga aquela motriz que está presente na própria vida do indivíduo é o seu impulso.

No ser humano a intuição assume um caráter diferencial porque esta força análoga associada à capacidade de refletir produz um sentido para existência bem como um significado para as suas atitudes durante a vida.

Desde modo a Bergson, o ser humano é um ser de significados e símbolos que se entrelaçam na duração da existência. É o sentido que produz uma possibilidade de caminho para recrear os fatos da existência humana abrindo a possibilidade à transcendência.

Esta possibilidade de transcendência é a capacidade humana de se auto analisar e ao mesmo tempo considerar o mundo a sua volta para projetar um significado. Segundo Bergson, o ser humano que exercita a simplicidade consegue um encontro consigo mesmo possibilitando um encontro entre corpo e alma na existência. Por isso, o espírito humano graças a sua consciência e as suas diversas experiências que ele faz durante a vida, é capaz de produzir esta unidade enquanto a duração do tempo que permitir uma vida espiritual que não é dividida. Com efeito, o ser humano é uno em sua capacidade intuitiva e bifurcado nas possibilidades de transcender.

No entender de Bergson o indivíduo religioso consegue abrir as possibilidades para o entendimento do mundo por causa do uso da intuição como caminho que evita a divisão cartesiana entre espírito e corpo. Ao chamar esta intuição mística à baila Bergson propõe um significado mais amplo para a atividade mística. Resultando em desdobramentos na vida cotidiana do indivíduo que o tiram do comodismo, da paraleliza e da falta de perspectiva. A intuição mística permite o rompimento de paradigmas sem esquecer do fundamento da existência humana.

Sob outro aspecto a intuição mística alcança diversas ramificações no âmbito da biologia, da sociologia e do meio espiritual. Ela cumpre um papel fundamental ao proporcionar o deslocamento do homem na direção da experiência do sentido na existência. É a experiência do linear do esforço místico que nos faz compreender a magnitude e a profundidade da religião dinâmica que não exclui a estática, mas que nos leva além e fortalece o pressuposto fundamental da religião o amor universal.

O discurso religioso procura configurar um discurso pela existência do homem. É ao mesmo tempo um preparo para um enfrentamento inevitável da morte. É este preparo que nos faz postular uma existência que não termina na matéria e ao mesmo tempo não nos coloca na prisão das sucessivas vidas. Para Bergson, a

unidade do ser humano possibilita uma reflexão a partir do real, da indução que se manifesta a cada instante e não a partir de uma teoria prévia que dispensa a existência humana.

Neste sentido a religião mística é possível na medida em que a religião estática fornece as condições básicas e a religião dinâmica permite ao sujeito um aprofundamento místico para transcender os paradigmas tradicionais.

Esta possibilidade de abertura mística ocorre na prática pastoral que valoriza a experiência de cada indivíduo. Por isso a pastoral lapida a experiência da fé ela não produz fé muito menos reflexão teológica. Por isso um indivíduo que não conhece a sua experiência e não saiba a sua vivencia da fé não pode ser ajudado pela sequencias litúrgicas pastorais. Visto que a liturgia precisa aprofundar a liturgia na fé e se este não se deixar conduzir ao mistério não será possível, um aprofundamento e um crescimento espiritual.

Ao direcionar a experiência humana para o transcendente podemos ampliar o nosso aspecto de inteligência humana na medida em que para Bergson a inteligência emocional se amplia com a complementaridade dos diferentes aspectos humanos.

Desde modo a ciência e a religião para Bergson não são opostos e sim complementares. O papel da religião é o de colocar o homem no caminho da constituição de sentidos. Enquanto que à ciência cumpre esclarecer funcionamento das leis da natureza. Por isso, o progresso da ciência não implica em progresso moral do homem e o desenvolvimento espiritual não resulta necessariamente em avanços científicos. Vale lembrar que a ciência é muito jovem diante da história do homem e da humanidade. O homem surgiu e se constituiu como humanidade em um processo longo e diverso. Isso significa que o indivíduo humano nasceu e viveu como animal por muito tempo e somente de alguns arranjos conseguiu formar humanidade. A humanidade é uma definição metafísica, ou seja, não existe na prática ao contrário do homem que é um ser particular fruto daquele animal que se constituiu e diferenciou dos demais devido aos seus hábitos e condutas. Para Bergson o homem natural é fruto da adaptação e da seleção natural. Mas o homem que conhecemos e com o qual convivemos é resultado da interação entre este animal com a racionalidade, a moralidade, a sociabilidade e suas aptidões desenvolvidas durante séculos. Assim, a intuição emerge do homem como este

processo de significação constante para direcionar o ser humano em sua busca por sentido. Em Bergson, não há avanço moral do homem, existe apenas a constatação do avanço da técnica e dos dilemas subsequentes deste avanço.

Desta sobrevivência do passado resulta a impossibilidade de uma consciência passar duas vezes pelo mesmo estado por mais que as circunstâncias sejam as mesmas, não é mais sobre a mesma pessoa que age, uma vez que a tomam em um novo momento de sua história. Nossa personalidade, (...)muda incessantemente. Ao mudar, impede que um estado, ainda que idêntico a si mesmo se repita algum dia em profundidade. É por isso que nossa duração é irreversível. Não poderíamos reviver uma sua parcela, pois seria preciso começar por apagar a lembrança de tudo aquilo que seguia. Poderíamos, a rigor, riscar esta lembrança de nossa inteligência, mas de nossa vontade. Assim, a nossa personalidade viceja, cresce, amadurece incessantemente. Cada um de seus momentos é algo novo que se acrescenta àquilo que havia antes. Podemos ir mais longe: não se trata apenas de algo novo, mas de algo imprevisível (BERGSON, 2005, p. 06).

Ao descrever a evolução da existência humana em sua obra *evolução a criadora* Bergson destaca o aspecto do desconhecido em que entramos a cada dia para desta vivência constituir um sentido a partir do existir. Portanto, é o desafio do desconhecido que move o homem na direção da transcendência.

Quando se fala em evolução criadora não se supõe que existe uma evolução moral apenas como Darwin defendeu, refere-se a uma adaptação dos seres ao meio ambiente em que estão inseridos. “A estrada que percorremos no tempo é juncada pelos destroços de tudo que começávamos a ser, de tudo que poderíamos termos tornados” (BERGSON, 2005: p.109). Assim, enquanto na natureza as diferentes espécies evoluem de maneira separada e bifurcada o homem é obrigado a seguir seu caminho levando seus destroços nas costas, eis os peso da existência.

### **3.1. Intuições e sua presença na vida pastoral**

Este trecho que se encontra em uma das conferencias de Bergson (1859-1941) revela a importância da intuição no dia das pessoas. Embora comentar sobre a intuição num ambiente acadêmico às vezes parece algo meio retro, ou quem sabe um antirracionalismo, esta realidade intuitiva é uma verdade em nosso dia a dia.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “..Desçamos então ao interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que o tocamos, mais forte será o impulso que nos reenviará a superfície”(RIBEIRO, 2012).

O desafio de discorrer sobre a intuição no universo religioso fica muito mais complexo. Nós podemos afirmar que refletir sobre a intuição é tão perigoso, audacioso e extremamente amplo como definir o que é religião? Seriamente não podemos falar de religião sem esta presença intuitiva. Por isso que o pressuposto deste trabalho tem como paradigma o discurso religioso a partir da filosofia de religião de Henri Bergson (1859-1941).

Não pretendemos esgotar o assunto, e nem tão pouco defini-lo como algo pronto e enrijecido. O próprio filósofo Bergson (1859-1941), relutou muito para colocar esta realidade em seus escritos filosóficos e o depois colocou deixando bem claro em seus sistemas filosóficos que a intuição conceitual seria um dado de linguagem, mas que esta realidade conceitual não é capaz de abarcar o que é realmente a intuição.

Ao falar da transcendência do conceito intuição, começamos a tocar em uma matéria muito delicada, pois toda realidade conceitual sempre faz parte de uma experiência. A realidade das coisas, os fatos vividos, a experiência perceptiva nos permite comunicar, julgar, descrever, aprender, enfim nos dá uma realidade de existência.

Na filosofia, aprendemos na corrente do empirismo que “nascemos uma tabula rasa” (LOCKE, 1632-1704). Ou seja, que será no decorrer das experiências do sujeito cognoscente que iremos aprender. De fato, nós não podemos jamais desprezar esta realidade afinal não nos tornamos uma sociedade tão tecnológica e evoluída como a nossa por osmose.

Ao mesmo tempo temos também outra corrente chamada inatismo muito atuante no pensamento filosófico. Perduraram anos na história da filosofia, e num período longo da história medieval podemos dizer que foi mola estrutural de um pensamento, que nascemos com a capacidade de conhecer, porque tudo que aprendemos já se faz presente na capacidade do sujeito que conhece<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> No ensaio *Introduction à la métaphysique*, referindo-se à problemática do conhecimento, Bergson destaca um aspecto que considera comum aos filósofos: eles distinguem “duas maneiras profundamente diferentes de conhecer uma coisa” (PM, p.177) e isso independentemente de as considerarem legítimas ou possíveis. Uma dessas formas de conhecimento consiste em manter-se no relativo, ou seja, em permanecer fora do objeto, rodeando-o, assumindo um “ponto de vista” sobre ele e se utilizando de “símbolos” para exprimi-lo; enfim, o conhecimento relativo é aquele que “altera a natureza de seu objeto” (ME, p.774). Já o outro modo de conhecimento, o “conhecimento absoluto” ou o “conhecimento do absoluto”, caracteriza-se por entrar no objeto, apreendê-lo, captá-lo “por

Bergson conhece estas duas realidades filosóficas, como sabe do valor do conhecimento da filosofia para história da humanidade. Ele tem noção da importância de Sócrates, com suas perguntas questionadoras, Platão com referência ao mundo das ideias e transcendência, Aristóteles com suas causas, Descartes com seu cogito pensante e principalmente seu opositor na época ou sua antítese Kant (1724-1804) com o sujeito transcendental.

Ele ao observar a história da filosofia, percebe um dado bastante interessante que sob o ponto de vista pastoral e numa perspectiva antropológica cristã podemos utilizar também como referência: a intuição e o tempo como duração. Segundo ele, história da filosofia ignorou o movimento do espírito, ofuscando estas duas realidades imprescindíveis para conhecê-lo. Ou seja, no movimento filosófico se discutiu assuntos conceitos muito interessante como, por exemplo, o que é o nada, Deus existe? O que é o vazio? E tantas outras questões metafísicas muito pertinentes.

Contudo as questões mais relevantes sob o ponto de vista metafísico foram sufocadas pelo excesso de especulações. As questões que realmente são pressupostos universais para vida prática de todo ser humano: quem eu sou? Qual o sentido da vida? Quem é Deus para mim e principalmente a noção da realidade da morte. Ou seja, nos seres humanos temos consciência desta finitude no tempo.

Por isso que falar de intuição para Bergson, é ampliar este conceito em duração e consciência. Jamais entenderemos intuição sem aprender que a duração é a verdadeira realidade do tempo do espírito, que o tempo e espaço categorias tão imbuída no processo de aprendizagem herdado pela filosofia kantiana não consegue abarcar.

---

dentro, nele mesmo, em si" (PM, p.178), ou seja, não se parte do sujeito, excluindo- se, assim, o "ponto de vista" e a mediação de "símbolos". O próprio Bergson mantém essa distinção que encontra na tradição filosófica, considerando que há efetivamente dois modos de conhecimento. Para o filósofo, o conhecimento relativo, estático, por conceitos, que envolve uma "separação entre aquele que conhece e o que é conhecido" (ME, p.773), é o intelectual, o qual, embora se justifique pragmaticamente, é teoricamente limitado, sendo o gerador de problemas filosóficos aparentemente insolúveis. O conhecimento que toca o absoluto, que tem a virtude de resolver os problemas gerados pelo anterior, é o intuitivo. Este consiste num modo de apreensão imediata, na identificação, na coincidência com o particular, com o que não é, portanto, traduzível em conceitos, constituindo-se

como uma visão direta da realidade: “consciência imediata, visão que não se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e mesmo coincidência” (PM, p.27). Embora o absoluto possa ser apreendido intuitivamente, possa ser pensado sem a mediação do conceito e do espaço a ele relacionado, isso só ocorre excepcionalmente, pois, conforme Bergson nos diz já na primeira frase do *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1988), como seres inteligentes que somos, “pensamos quase sempre no espaço” (p.vii). Esse pensamento espacializado é expresso e forjado pela linguagem que, por meio de seus símbolos, os conceitos, se constitui como o instrumento mais imediato da inteligência. Pelo fato de as palavras serem o meio imprescindível de expressão do pensamento – “Exprimimonos necessariamente por palavras” (p.vii) –, há uma incomensurabilidade entre a intuição e os meios disponíveis para exprimi-la: “Essa intuição, se não nos comunicará jamais completamente, porque a linguagem que se nos fala, tão especiais e tão apropriados que se suponha seus signos, não pode exprimir senão as semelhanças, e é de uma diferença que se trata” (BERGSON, 2005, p.611) (COELHO, 1999: p. 156-7).

Outra realidade é a própria noção de consciência. Ou seja, por mais que está palavra traga luz, hoje pela neurociência, e até mesmo pelos dados da psicanálise, nós sabemos que a consciência é ponta do iceberg da existência humana. No fundo, somos estranhos a nós mesmos e como dizia Sócrates: “sei que nada sei”.

Assim discorrer sobre a intuição é uma aventura perigosa porque para falar sobre esta como deseja este filósofo, precisamos mudar nosso paradigma, mudar a marcha do nosso pensamento e acelerado e reaprender o que aprendemos ao longo da história das humanidades. Ou seja, para Bergson intuição não é mágica, magia, algo misterioso, mas intuição é vida, está ligado a criação.

A intuição está presente na vida, na arte, na religião e está que dinamiza o conhecimento. Sem este movimento intuitivo a vida perde sua beleza e o ser humano o fica submisso a sua materialidade. Observamos que ao longo da história da evolução biológica o ser humano desenvolveu muito bem a sua inteligência que é capaz de domar, adestrar, modificar as coisas, como o próprio Bergson disse, nós podemos definir o ser humano como “*homo faber*”.

Porém, esta especificidade ela não é suficiente para de fato, afirmar quem é o ser humano. Nos seres humanos somos estranhos a nós e ao mesmo tempo tão próximos. E que, portanto, são estas questões que deveriam ter norteado e devem nortear a história da filosofia e toda nossa vivencia de fazer ciência.

Para ele a vida é este grande presente, este elã vital, e neste elã deve estar pautado nossa existência. Por isso, que tudo está ligado neste grande movimento intuitivo onde a religião também sofre as influencias desta força criacional. Para Bergson (1859-1941), algo possui seu valor quando este se deixa perceber pelo movimento da intuição.

Por isso, que para uma religião autêntica, aberta, que transcende aspectos morais elaborados pelo ser humano ao longo da história, será realmente algo criador, e de sentido quando for algo que vivenciou mas passou pelo crivo da intuição. Esta franja vital, de um relapso quase que imperceptível faz mover as coisas, até mesmo a moral e religião. Por isso, que para ele, os místicos são os grandes contribuidores para o dinamismo de todo avanço religioso. Eles são realmente os peritos do verdadeiro discurso religioso.

Assim, quando falamos de intuição na vida pastoral precisamos entender que nem sempre o senso comum tem acesso a dados tão relevantes como exige a academia. Contudo podemos dizer também que sob o ponto de vista da religião existem os religiosos acadêmicos pautados em certa teologia na qual o universo intelectual e aparato científico é bastante forte no olhar antropológico da fé e pautado sobre uma racionalidade que dá um olhar mais teísta do absoluto e da vida.

Contudo, na grande maioria, e até ousa a dizer para religiosos acadêmicos, nem sempre as pessoas que se dizem religiosas ou que buscam uma experiência do transcendente querem dados muito precisos sobre a fé. No fundo, elas buscam e tentam responder as tais perguntas da metafísica clássica que corriam com ecos tão fortes nos dias de hoje.

A falta de sentido, o suicídio, o medo, a depressão, o excesso de consumo, o contraste de ricos e pobres, a magia da tecnologia espanta muitas pessoas que recorrem à religião o sentido para suas vidas e para este mundo. Neste aspecto a filosofia bergsoniana, colabora bastante e no sentido pastoral observamos que quando o indivíduo participa de uma comunidade eclesial, de uma oração, reza, ou algo similar e esta experiência religiosa confrontou seu sentido, apaziguou sua ansiedade, e ao mesmo tempo fez com que ele retomasse sua caminhada existencial, a religião para ele não foi só uma resposta, mas ressignificou sua existência.

Por isso, que a religião ainda hoje, ela continua sendo uma mola para sentido da vida e uma alienação depende de como esta é interpretada. A religião é uma faca de dois gumes. A ciência positiva que combateu a forte através do movimento iluminista, mas que hoje retoma com toda veemência sua força. Em todos, os lugares e até mesmo nos discursos antirreligião, encontramos o elemento da

religião. Ou seja, parece que por mais que tentássemos ignorar a religião, ou querer transformá-la em algo pontual, a religião perpassa o controle humano.

Sabemos que comentar sobre estes dados nos permitem tantos questionamentos e com certeza, a ciência é mestra em desmontar todos estes argumentos chamando de alienação, folclore, ilusão, discurso emocional. Mas para o senso comum, solução de problema encontra com absoluto, encontro consigo mesmo.

Na pastoral, ao longo deste de 10 anos como sacerdote, pude perceber que os indivíduos que frequentam o ambiente eclesial podemos dividir em dois. Os primeiros chamariam de especuladores da religião. Este grupo participa porque querem resolver seus problemas, influencia social, se livrar de algum problema. Na verdade, permanece por um tempo, mas depois abandonam porque percebem que a ciência e o mundo tecnológico são capazes de responder a tais questões.

Agora, o grupo da experiência permanece atuante e fazem a diferença na vivência religiosa. Estes de fato, passaram por uma situação limite, se deparam com a morte, experimentaram finitude, e quando perceberam que iriam morrer sejam na falta de sentido ou até mesmo no vale da morte encontrou na experiência da fé um sentido maior, e resgataram a vida ressuscitando novamente para recomeçarem, recriando seu universo e dando sentido a sua existência. Estas pessoas se aproximam muito mais dos místicos, do que simplesmente um discurso lógico de Deus. Isto porque a ciência não é capaz de explicar para este grupo como superaram tais questões.

Neste sentido, a religião continua sendo uma força para muitos. E como dizia Bergson esta dá força para o ser humano que sabe que é finito. Nesta paradoxalidade a intuição se movimenta na religião dividindo até mesmo religiosos e instituições religiosas. Porque para os adeptos de uma religião, o que importa é sempre o caráter pragmático existencial de uma resposta que a religião contribuiu.

Portanto, a intuição ela é fundamental num discurso religioso, pois ela que possibilita o novo e o caráter prático de uma experiência de um absoluto. Contudo o grande desafio continua sendo até que ponto de fato, a intuição é intuição. Ou melhor, como podemos falar de intuição religiosa se intuição não é um conceito, mas uma experiência imediata do tempo vivido.

Para Bergson, isto só é possível se mudarmos a lógica do nosso pensamento para compreendermos o real. Caso contrário, sempre teremos um olhar analítico sobre a experiência religiosa e o papel da inteligência é sempre analisar, criticar e nunca deixar que de fato voltemos ao fundo das coisas. Este papel é da metafísica.

E esta por sua vez no discurso religioso contemporâneo não possui muito espaço, afinal, como afirmou Nietzsche: “Deus está morto”! Esta afirmação continua sendo a grande contradição da experiência religiosa afinal para muitos a negação de Deus é certeza de que ele continua sendo a força intuitiva para aqueles que no íntimo do seu ser fizeram a experiência intuitiva do absoluto que nenhuma ciência ou filosofia pode explicar.

A intuição<sup>11</sup> aparece quando as motivações pessoais de cada sujeito se relacionam com a doutrina de modo a tornar a religião dinâmica. O fiel ou seguidor de uma determinada religião demanda por sentido, mas este sentido não é algo pronto proposto pela religião estática. É uma resposta transcendental aos problemas sócias, as dificuldades de viver a fé e os problemas familiares. A demanda por sentido se impõe por causa da angustia niilista vendida por pensadores que defendem uma vida sem valores.

Os valores cristãos são claros e buscam a liberdade do indivíduo que não pode confundir política com religião ou anseios humanos com as propostas divinas de cada religião. Embora o mundo contemporâneo tente ridicularizar a experiência religiosa e pastoral não podemos admitir uma retomada do argumento positivista combatido por Bergson.

É na manifestação da intuição na vida sacerdotal em cada paróquia, por exemplo, que permite o entendimento desta religião dinâmica que se direciona para um entendimento místico da experiência religiosa. É sacerdote na igreja católica, por exemplo, que aproxima este homem caído e pecador do divino.

De acordo com Bergson é na tomada de consciência cotidiana da intuição que o indivíduo se abre para o entendimento da religião. Neste sentido, a religião não é

---

<sup>11</sup> A intuição poderá fazer-nos captar o que os dados da inteligência têm no caso de insuficiente e deixar-nos entrever o meio de os completar. Por um lado, de fato, ela utilizará o mecanismo mesmo da inteligência para mostrar como os esquemas intelectuais não encontram mais aqui sua exata aplicação, e, por outro, por seu trabalho próprio, ela nos irá sugerir pelo menos o sentimento vago do que é preciso pôr em lugar dos esquemas intelectuais (BERGSON, 1991, p.178) (COELHO 1999: p. 159).

dispensável como para Hegel. Muito pelo contrário é na religião que cada sujeito pode configurar um sentido para a existência que parece caótica e sem sentido. Por isso, não é razão que sustentará o homem, como em Hegel, é antes de tudo a intuição mística que usa a razão como instrumento e não como um fim, o fim é o divino.

Um exemplo desta presença na atividade pastoral e manifestação do sagrado na celebração eucarística e seu significado para cada sujeito, para cada indivíduo. O rito não acaba em si, ele eleva o ser humano para uma dimensão espiritual que nos aproxima de Deus. Por isso a razão não sustenta o discurso intuitivo, a intuição é a constante revelação da realidade ao indivíduo por intermédio do próprio indivíduo. Outro exemplo disso é a sagrada escritura que nos leva para parto do incognoscível, de Deus.

Embora pareça simples o problema do entendimento da intuição e de seu significado na constituição da religião existem peculiaridades inerentes a natureza humana que tendem a racionalizar ou regular a experiência prática. É a realidade eclesial que afasta muitos religiosos da experiência que Bergson chamou de intuição mística. Ao transformar a pastoral em um instrumento político ou em uma normativa episcopal o religioso se afasta da genuína aproximação com o divino.

Portanto, a relação entre intuição e conduta pastoral depende de cada sujeito, é o indivíduo e não o relativismo que partindo da concretude da existência que podemos abrir um caminho em direção ao entendimento da religião dinâmica. Não é o discurso teológico que produzirá sozinho uma experiência religiosa. É a união entre discurso religioso e prática que abraça essa possibilidade.

### **3.2. A Complexidade da Existência e o sentido da vida em Bergson**

De acordo com a filosofia de Bergson a existência humana possui uma relação direta com os modos de vida. A vida para Bergson está intimamente ligada ao processo de criação que implica na tomada de consciência. A vida é um movimento da natureza que possui diversas implicações físicas e no mesmo contexto implicações para o espírito. O processo de desenvolvimento da tomada de consciência do indivíduo ocorre em consonância com a natureza. Porque o indivíduo possui em si duas polaridades e o distingue das realidades cósmicas ao seu redor.

A ciência e a metafísica, se encontram, pois, na intuição. Uma filosofia verdadeiramente intuitivamente realizaria a união tão desejada entre metafísica e ciência. Ao mesmo tempo que constituiria a metafísica como ciência positiva” (BERGSON, 1984: p.209).

De acordo com Bergson a intenção desta metafísica intuitiva é facilitar o acesso a realidade.

Neste sentido, não deve haver dogmatismos estando aberta a novas experiências intuitivas, pois seu método não restringe a experiência humana a um sistema filosófico.

A existência humana constitui um sentido na medida em que a metafísica configura uma evolução criadora situada no interior da realidade manifesta na imperfeição da intuição. De acordo com Bergson “A Intuição descobre a evolução do mundo inteiro como a evolução do real criador que é o dado primário e originário como a evolução da vida e suas infinitas possibilidades” (MORA, 2004: p. 296).

De acordo com Bergson existe um caminho para o conhecimento metafísico, ou seja, fazer o caminho para evitar os falsos problemas filosóficos da formalidade Cartesiana. Este caminho é percorrido com dados extraídos da ciência sem incorrer no pessimismo.

Por isto, a vida ou a vontade de viver expressa-se como “*élan vital*”. Este querer viver pode ser entendido de duas formas. A primeira é saber que a ciência não consegue uma explicação físico-química da vida porque não dá conta de todos os fenômenos vitais envolvidos da existência. A segunda problemática envolvida aborda o problema da evolução da existência que se amplia para diversos caminhos. Tanto transformismo como Darwinismo são insuficientes para explicar o desenvolvimento casual ao mesmo tempo o fato da vida existir.

De acordo com Bergson existem vários outros elementos que configuram o “*élan vital*”, mas em nenhum momento podemos resumir a existência e a vida a finalidade ou ao mecanicismo pois este caminho nos levaria a filosofia Dicotômica.

Segundo Bergson para entendermos a dimensão humana precisamos compreender a fontes da religião e da moral. Uma delas é a sociedade natural que nos torna iguais em alguns aspectos aos animais intuitivos. Contudo existe uma grande diferença nós indivíduos que estamos em processo de tomada de consciência estamos sempre na obrigação da tomada de decisão. Sabemos que

Bergson chamou de sociedade natural os primeiros agrupamentos humanos devido as reações instintivas nelas contidas.

O outro entendimento envolve a dinâmica acerca do entendimento da religião. Neste aspecto a inevitabilidade da morte faz o indivíduo pensar além da espécie colocando diante de uma situação que não pode resolver com os dados naturais. Por isto, o indivíduo não inventa Deus como propõe a sociologia em geral ele produz e estrutura uma religião para constituir sentido para aquilo que não possui sentido natural. Portanto, à uma filosofia da história que surge e precisa ser justificada diante da vida. É o desenrolar da evolução criadora que nos impõe a necessidade de amar para nos distinguir dos demais animais e nos permitir uma vida com algum sentido. O objetivo do Homem não é fazer Deus, mas ser capaz de uma espécie de divinização guardadas as devidas proporções.

Neste contexto a existência humana para Bergson é um processo de tomada de consciência ao logo do tempo e da duração. Sendo que a plenitude da existência. Com felicidade ou consciência plena do real ocorrerá na medida em que percebe pela consciência as suas dificuldades e limitações bem como suas capacidades. Evidencia-se aqui a crítica a filosofia positiva que apenas considerava o caminho do ganho de conhecimento contínuo, desprezando os limites da existência humana.

A filosofia de Bergson procura compreender o sentido da existência humana de acordo com os fatos e da própria finitude. Pois, é na percepção do tempo e na duração da experiência humana que se manifesta o “*élan vital*”. Isto significa, que tempo e duração são distintos, mas, o tempo que é cronológico e a duração e percepção do tempo pelo indivíduo constituem a possibilidade do entendimento do real.

No período moderno em que Bergson está inserido manifestou-se a destruição sistemática da metafísica e a imposição de aspectos filosóficos puramente linguísticos. A filosofia da linguagem descendente dos comentadores do pensamento Kantiano provocou a negação do acesso ao real, restringindo o pensamento humano a pura especulação linguística. Para Bergson a linguagem nos condicionou e restringiu a superficialidade e nos colocou a obrigação de negar a diversidade e complexidade da existência. Ao longo do tempo moderno ficamos satisfeitos ao vivermos na superficialidade da existência e deixamos a filosofia da existência de lado.

Ao negarmos a profundidade da busca do entendimento do sentido da existência esquecemos que a filosofia é o estímulo para as questões fundamentais do ser humano. Bergson quer retomar as reflexões metafísicas e ampliar o significado imposto pela linguagem moderna da filosofia da linguagem para nos conduzir a uma metafísica do espírito.

Para chegar a este ponto Bergson parte da vida. Pois “diríamos que a vida deste a sua origem é a continuação de um só e mesmo elã que se dividiu entre linhas de evolução divergentes” (BERGSON, 2005: p. 58). Isto significa existe algo além da simples matéria ou da simples imposição transcendental da filosofia moderna. Assim tanto o positivismo quanto a recepção do pensamento de Kant estariam limitando a compreensão da existência humana o separarem matéria e realidade, aquilo que envolve apenas a natureza e aquilo que envolve o transcendente.

Ao desenvolver a sua retomada as reais questões metafísicas quer superar a dicotomia entre realismo e idealismo, visto que a explicação Kantiana que considera cada uma das partes como complementares não agrada ao filósofo Henri Bergson. Neste sentido, retomamos a polemica conforme Bergson apresentou.

Mas a verdade é que o realismo jamais se mantém em estado puro. Podemos pôr a existência da realidade em geral por trás da representação. Como começamos a falar de uma realidade em particular queiramos ou não, fazemos com que a coisa coincida mais ou menos com a representação que temos dela. Sobre o fundo da realidade oculta, onde tudo está necessariamente implicado em tudo, o realismo desdobra as representações explícitas que são para o idealista a própria realidade. Realista ou idealista no momento que se põe a realidade, ele torna-se idealista quando afirma qualquer coisa sobre ela, pois a anotação realista apenas pode consistir, nas explicações de detalhes, em inscrever sobre cada termo da notação idealista um sinal que assiná-la seu caráter provisório. Seja; mas o que dissermos acerca do idealismo vai então se aplicar ao realismo que imita o idealismo. E fazer dos estados cerebrais o equivalente das percepções e das lembranças consistirá sempre, seja qual for o nome que dermos ao sistema, em afirmar que a parte é o todo (BERGSON, 1984: p. 49).

Esta percepção do todo apresentada por Bergson somente é possível se considerarmos que a realidade apresentada pela intuição ao indivíduo pelos fatos da existência configurar uma ligação entre matéria e espírito, vida e evolução criadora, ciência e metafísica.

Neste sentido a linguagem deixa de ser apenas aparente e nos permite falar de uma existência humana de acordo com o “*élan vital*” que se impõem como condição da existência do indivíduo sem a dicotomia Cartesiana e a negação da metafísica pelo positivismo. É a complementaridade proposta por Bergson que permite ao indivíduo humano uma experiência do sentido da vida mediante suas intuições e tomadas de consciência no processo da evolução criadora.

Conforme apontamos existe uma existência humana que é complexa, embora a ciência e a teoria de adaptação de Darwin tentem simplificá-la o que observamos no mundo real é uma realidade maciça com diversidade de possibilidades para produzir um entendimento.

A matéria e o espírito, conforme aponta Bergson, estão aparentemente dissociados pela racionalidade filosófica. Darwin percebeu a diferença que emerge acidentalmente no aparelho visual de certos indivíduos para entender o funcionamento do órgão. É esta variação acidental que pode ter levado o olho humano a condição superior de visão que temos atualmente. Considerando a teoria da seleção natural e ampliando está para os aspectos do desenvolvimento da consciência e da intuição humana podemos entender o caminho proposto por Bergson.

Dito de outro modo, se na antiguidade as fêmeas optavam por reproduzir com machos como olhos mais capazes e com boa visão na filosofia de Bergson o desenvolvimento do espírito humano diante da complexidade da existe

Para Bergson existe um sentido na existência humana na percepção da necessidade de ação humana mediante a passagem do tempo, mas não do tempo cronológico é a duração da existência que abre uma possibilidade para o indivíduo superar a sua limitação física. Se no mecanicismo Darwinista a evolução ocorre com as regras do processo de adaptação de cada espécie, na filosofia intuitiva de Bergson é a atitude do indivíduo mediante a realidade que produz a continuidade do processo de evolução criadora. É o todo da realidade que se coloca diante do sujeito como um bloco que precisa ser movido e transformado. Existe uma grande diferença entre aquela proposta desenvolvida por Bacon que discutimos no capítulo II que se apoiava na ciência empírica e a proposta de Bergson que pode ser entendida como um processo ou uma procura por simpatia ao conhecimento. Bem como a busca do espírito de simplicidade.

## Nas palavras de Bergson

A regra da ciência é aquela que foi posta por Bacon: Obedecer para comandar. O filósofo não obedece nem comanda: procura simpatizar. Também deste ponto de vista, a essência da filosofia é o espírito de simplicidade... filosofar é um ato simples (BERGSON, 2005: p. 145).

Desde modo, a vida é sempre complicada um movimento de incerteza em direção ao desconhecido. Cabe ao indivíduo enfrentar os desafios apresentados e seguir em direção ao movimento do desenvolvimento do espírito ou paralisar e recusar a própria existência. Neste sentido, tanto positivismo quanto espiritismo se equivocam ao considerarem a evolução como um ganho moral ou pelo conhecimento ou pela espiritualidade. Para Bergson a complexidade da existência deve ser enfrentada com as ferramentas humanas sem fugir do embate.

O caminho é o desenvolvimento da intuição para podermos constituir um modo de filosofar a partir da realidade que considere o *elan vital* como constituinte da interioridade do indivíduo. Neste sentido, cabe o homem configurar um sentido para complexidade da sua existência sem recorrer a teorias prontas que explicam tudo de antemão. É o processo de constituição da intuição que abre a janela para a transcendência segundo Bergson.

## CONCLUSÃO

A hipótese discutida nesta tese demonstrou sua viabilidade na perspectiva mística do conceito de intuição no pensamento de Bergson.

A abertura para intuição mística é possível na medida em que o *elan vital* se manifesta em um movimento de tomada de consciência individual que não é dialético. O processo do vir a ser da intuição é constante e se manifesta na cultura,

nas relações sociais e na religião. Este caminho não é racional estritamente, existe um aspecto da razão que é completada com os dados imediatos da realidade permitindo o surgimento de um todo.

A tese demonstra a crítica de Bergson ao Hegelianismo crescente demonstrou claramente que não existe um processo de evolução rumo a superação da religião. Em sua obra “As duas fontes da moral da religião” Bergson apontou a diferença entre religião estática, que é ritual e religião dinâmica, que não nega o ritual mas caminha em direção a uma percepção mística do processo intuitivo. Portanto, a tomada de consciência acerca da realidade em que nos encontramos é um processo contínuo e que nunca é compartimentado.

Demonstramos durante os capítulos desta tese que Bergson discorda da dicotomia entre corpo e alma apresentada por Descartes em sua obra magistral “O Discurso do Método” para demonstrar uma unidade no pensamento e no conhecimento. Ao propor a unidade Bergson não desvaloriza nem o corpo e nem a alma, muito menos a possibilidade de uma linguagem metafísica acerca da realidade. É um pensamento que na modernidade se coloca em oposição a filosofia da linguagem que impõe limites céticos à razão.

Outra crítica que apresentamos é ao neokantismo que segregou a metafísica ao nível do incognoscível e impossibilitou a entendimento da religiosidade mítica. Embora Kant, não condenasse a metafísica, apenas separando-a entre razão prática e razão teórica, os seus receptores, ou seja, pessoas que seguiram o seu pensamento transformaram a metafísica em algo abominável. Bergson entende que a experiência mística pode produzir uma religião dinâmica uma vez que a intuição não é um discurso, mas uma experiência imediata do todo.

A intuição é um processo contínuo de criação, pois é na perspectiva na criação que o *elan vital* se move. Neste sentido a intuição mística é importante, pois mostra a positividade do conceito e ao mesmo tempo a atualização deste conceito na relação com a realidade para abrir a possibilidade da quebra do paradigma da religião estática.

Bergson entende que a objetividade do conceito não é a única explicação possível acerca do mundo. A razão não explica o movimento do *elã vital*, mas o instrumento racional é importante para compreendermos a presença da intuição na vida. Este pequeno diferencial, em relação aos demais animais, nos permite

entender o funcionamento biológico e ao mesmo tempo nos permite fazer projeções e reflexões acerca da realidade metafísica. É a experiência da intuição que abre a possibilidade do entendimento da existência. A intuição é sempre uma tomada de consciência do indivíduo que mediante as bifurcações da existência percebe a sua finitude e requer um sentido para sua vida.

Apresentamos e explicamos que a instituição oficial pode ser uma promotora da perspectiva mística na medida em que não se restringe a religião estática. A instituição religiosa não é um empecilho, mas uma possibilidade de aprofundamento da vivência da religião. A contribuição de Bergson ao escopo da pesquisa em ciências da religião é o entendimento do processo pedagógico de constituição de uma intuição mística.

Neste sentido, a intuição e o entendimento dela é a contribuição de Bergson ao entendimento e não ao desprezo da religião. Muito embora o movimento espiritualista ainda ressoe nas universidades brasileiras a fragilidade apontada por Bergson continua a se manifestar, a saber: o espiritualismo quer confundir fenômenos naturais com fenômenos psíquicos e lhes conferir aspectos metafísicos.

Por tudo isso, a hipótese de que existe uma possibilidade de entendimento da intuição que nos leva a uma dimensão mística da religião se sustenta em Bergson e nos faz entender que a vida é um todo e que não somos cindidos.

A busca incessante do ser humano por respostas acerca da biologia, da metafísica, da mística, da vida, não é motivo para cairmos na armadilha racionalista positivista na qual a razão explica tudo. A filosofia de Bergson constitui um baluarte de enfrentamento do positivismo, espiritualismo e de outras tendências que dividem o ser humano e o distancia de um todo. Por isso, a perspectiva hermenêutica de análise considerando o todo é a contribuição filosófica nos legou para o entendimento da existência humana. Assim, nenhuma perspectiva ideológica é capaz de capturar o tempo enquanto duração. A ideologia condenada por Bergson é sempre cronológica e aprisiona o ser humano em uma perspectiva política que elimina a dimensão mítica da religião. Portanto, a ideologia a recusa da realidade.

Em suma, segundo Bergson o amor será uma verdadeira religião quando deixarmos as intrigas de lado e pensarmos de modo a considerar e percebermos a importância do sentido humano e do significado do amor. Em uma leitura Bergsoniana o verdadeiro cientista, o verdadeiro religioso, serão aqueles que se

deixarem levar pela intuição que em última instância é o ato de amar o próximo e não abrir mão do *elan vital* que é o segredo da vida.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALAIN. *Idéias: introdução à filosofia: Platão, Descartes, Hegel, Comte*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ALVES, Robson Medeiros. *A intuição e a música do agir religioso a partir de Henri Bergson*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ARTIGAS, Mariano. *Filosofia da natureza*. São Paulo: Instituto Brasileiro de filosofia e ciência Raimundo Lúlio, 2005.

BACHELARD, G. *L'intuition de l'instant*. Paris: Éditions Stock, 1992.

BENSAUDE-VINCENT, B. Langevin: 1872-1946 – *Science et vigilance*. Paris: Ed. Belin, 1987.

BERGSON, Henri. *Cartas, conferências e outros escritos*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. *Crítica do negativo e pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 a.

\_\_\_\_\_. *Duração e simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Cursos sobre a Filosofia Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1927.

\_\_\_\_\_. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril cultural. 1984  
BIGNOTTO, Newton Et al. *A crise da razão*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1996.

BERGSON, Henri. Seleção de textos e tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989.

\_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

\_\_\_\_\_. *As duas fontes da moral e da religião*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Matéria e Memória*. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 .

\_\_\_\_\_. *Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*. Paris: PUF, 2011.

BERKELEY, G. Tratado sobre os princípios do conhecimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores)

BOHM, D. *The Special Theory of Relativity*. Nova York: Addison-Wesley Publishing Company, 1989.

BRUAIRE, Claude. *O ser e o espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

COELHO, J. G. Bergson: Intuition and Intuitive Method. *Trans/Form/Ação* (São Paulo), v.21-22, p.151-164, 1998-1999.

COSTA, Claudio. *Uma introdução contemporânea à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAPEK, M. *Bergson and Modern Physics*. Dordrecht/Boston: D. Reidel Publishing Company, 1971. (Boston Studies in the philosophy of science, volume VII).

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999 (Coleção TRANS).

DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1997. (Coleção Textos Filosóficos)

DESMOND, William. *A filosofia e seus outros modos do ser e do pensar*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FRANCA, Padre Leonel. *Noções de história da filosofia*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FREIRE JÚNIOR, O. *Novo tempo, novo espaço, novo espaço-tempo: breve história da relatividade*. In: *Origens e evolução das idéias da física*. Salvador: EDUFBA, 2002.

GILSON, B. *L'individualité dans la philosophie de Bergson*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1978.

GUEDES, Wagner; SILVA, Francisco de Assis. *Ensaio filosófico: Em busca do sentido humano*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1989.

JOHANSON, I. *Arte e intuição – A questão estética em Bergson*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Bergson: Intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. “Apresentação do artigo de Max Horkheimer” (“Sobre a metafísica do tempo de Bergson”). In: *Cadernos de Filosofia Alemã* 6, p. 51-60.

MERLEAU-PONTY, M. Bergson fazendo-se. In: *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Einstein e a crise da razão*. In: *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Elogio da Filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. (Coleção Filosofia e Ensaio)

\_\_\_\_\_. *A natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORA, F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo. Tomo I-IV. Loyola, 2004.

NEWTON, I. *Óptica*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

PAIS, A. “Sutil é o senhor...” – *A ciência e a vida de Albert Einstein*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PATY, M. *La physique du XXe siècle*. Paris: EDP Sciences, 2003.

PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank (organizadores), *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

ROSSETTI, R. *Movimento e totalidade em Bergson: a essência imanente da realidade movente*. São Paulo: Edusp, 2004 (Ensaio de cultura, vol 25).

RUSSELL, B. *O abc da relatividade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SAINT-OURS, A. *Bergson et la théorie de la relativité restreinte*. In: *TLE*, n°21, PUV, 2003, p.115-132.

\_\_\_\_\_. *Time and relation in relativity and quantum gravity*. In: *Ontology of spacetime II*, ed. Dennis Dieks, Elsevier, 2008.

SAYEGH, A. *Bergson – O método intuitivo: Uma abordagem positiva do espírito*. São Paulo: Humanitas Publicações FFICH/USP, 1998.

SOKAL, A e BRICMONT, J. *Reflexões sobre a história das relações entre ciência e filosofia: Bergson e seus sucessores*. In: *Imposturas Intelectuais*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOULEZ, P. e WORMS, F. *Bergson. Biographie*. Paris: PUF, 2002. (Quadrige)

STACHEL, J. *The Theory of Relativity. In: Companion to The History of Modern Science*. Londres e Nova Iorque: Routledge, s/d.

BERGSON, H. *Mélanges*. Paris: PUF, 1972.

\_\_\_\_\_. *Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*. 3.ed. Paris: PUF, 1988.

\_\_\_\_\_. *L'évolution Créatrice*. 5.ed. Paris: PUF, 1991.

\_\_\_\_\_. *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*. 5.ed. Paris: PUF, 1992.

\_\_\_\_\_. *La Pensée et le Mouvant*. 4.ed. Paris: PUF, 1993.

ARISTOTLE, *The Works of Aristotle – Volume I*. London: Encyclopaedia Britannica, INC., 1952.

BERGSON, H. *Cours I, II, III*. Paris: PUF, 1992.

\_\_\_\_\_. *Duração e Simultaneidade*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Matéria e Memória*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres. Édition du Centenaire*. Paris: PUF, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento e o movente*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006. \_\_\_\_\_.

*Textos e Conferências*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda., 2005.

DARWIN, C. *The origin of species*. Chicago: Encyclopaedia Britanica, Inc., 1952.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Editora Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Empirismo e subjetividade*. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2005.

DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do Subsolo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.

FRANÇOIS, A. *Bergson, Schopenhauer, Nietzsche: volonté et réalité*. Paris: Ed. PUF, 2008.

GOULD, S.J. *Darwin et les grandes énigmes de la vie*. Pygmalion, Paris: 1979.

\_\_\_\_\_. *L'éventail du vivant*. Science ouverte, Seuil : 1997.

\_\_\_\_\_. *La structure de la théorie de l'évolution*. Gallimard, Paris : 2006.

HUME, D. *An enquiry concerning human understanding*. New York: Oxford University Press, 1999.

KANT, E. *Oeuvres philosophiques I et II*. Paris: Ed. Gallimard, 1985.

- LAPOUJADE, D. *William James Empirism et Pragmatism*. Paris: PUF, 1997
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra 1 – Técnica e linguagem*. Lisboa: Edições70, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Evolução e Técnicas 1 – O homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- LORENZ, K. *Os Fundamentos da Etologia*. São Paulo: UNESP, 1995.
- MONTEBELLO, P. *Nature et subjectivité*. Grenoble: Les éditions Jérôme Millon, 2007.
- Bergson e a evolução da vida* 272 *Kínesis*, Vol. IV, nº 07, Julho 2012, p. 254272
- \_\_\_\_\_. *L'autre métaphysique : essai sur Ravaisson, Tarde, Nietzsche et Bergson*. Paris: Desclée de Brouwer, 2003.
- \_\_\_\_\_. *La matière chez Bergson*, in "Imagens da Imanência". Rio de Janeiro: Ed. Autêntica, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Différences de nature et différences de la nature*, in "Bergson, la durée et la nature", PUF, 2004.
- NIETZSCHE, F.W. *Collection OEuvres philosophiques complètes*. Traduction de l'édition Colli-Montinari, sous la responsabilité de Gilles Deleuze et Maurice de Gandillac. Gallimard, 1970.
- SIMONDON, G. *L'invention dans les techniques : cours et conférences*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- \_\_\_\_\_. *The Genesis of the Individual*. Ed. Jonathan Crary. New York: Zone, 1992.
- UEXKÜLL, J. V. *Dos animais e dos homens*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1989.
- WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Procès et Réalité - Essai de Cosmologie*. Paris: Éditions Gallimard, 1995.
- WORMS, F. *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses, 2000.

Obras de Bergson traduzidas para o português

*BERGSON, As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

*A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979a.

*Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b. (Col. Os Pensadores).

*Ensaio sobre os dados imediatos da consciência.* Lisboa: Edições 70, 1988b.

*Matéria e memória.* São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

258 jonas gonçalves coelho

ADOLPHE, L. *La philosophie religieuse de Bergson.* Paris: PUF, 1946.

BRETONNEAU, G. *Création et valeurs éthiques chez Bergson.* Paris: Sedes, 1975.

CARIOU, M. *Bergson et le fait mystique.* Paris: Aubier Montaigne, 1976.

DELEUZE, G. *Le bergsonisme.* Paris: PUF, 1966.

DESCARTES, R. *Oeuvres et lettres.* Paris: Gallimard, 1952.

. *Princípios de Filosofia.* Lisboa: Guimarães Editores, 1989.

. *Discurso do Método.* São Paulo: Nova Cultural, 1996a.

. *Meditações Metafísicas.* São Paulo: Nova Cultural, 1996b.

. *Objecções e respostas.* São Paulo: Nova Cultural, 1996c.

GOUHIER, H. *Bergson dans l'histoire de la pensée occidentale.* Paris: Vrin, 1989.

GUÉROULT, M. Bergson en face des philosophes. In: *Les études bergsoniennes.* Paris: PUF, 1960. v.V.

JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson.* Paris: PUF, 1959.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PHILONENKO, A. *Bergson ou de la philosophie comme science rigoureuse.* Paris: Édition du Cerf, 1994.

PRADO JUNIOR, B. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson.* São Paulo: Edusp, 1989. SILVA, F. L. *Bergson: Intuição e discurso filosófico.* São Paulo: Edições Loyola, 1994a.

. *Descartes: a metafísica da modernidade.* São Paulo: Moderna, 1994b.

THIBAUDET, A. *Le bergsonisme.* Paris: Nouvelle Revue Française.